

mUSEU
DA **c**ASA
bRASILEIRA

SECRETARIA DE
ESTADO DA CULTURA



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
TRABALHANDO POR VOCÊ

Museu da Casa Brasileira

maio 2003 - maio 2007

Sumário

- 3 Um museu para o design e a arquitetura**
- 5 De portas abertas**
- 6 Acervo**
- 14 Exposições**
- 20 Prêmio Design MCB**
- 24 Educação e pesquisa**
- 30 Música e serviços**
- 34 Instalações**
- 38 Comunicação**
- 41 Recursos**
- 44 Repercussão**
- 51 Frustrações**
- 53 Equipe**

Um museu para o design e a arquitetura

Quando a então secretária de Estado da Cultura, Cláudia Costin, me chamou para dirigir o Museu da Casa Brasileira, no início de 2003, ela me confiou a tarefa de fortalecer a presença desta instituição no cenário cultural de São Paulo. Aceitei a missão com entusiasmo, não sem antes entrarmos em acordo quanto ao fato de que o MCB deveria retomar a sua vocação de museu voltado para as questões de arquitetura e design, excluindo as atividades fora dessas áreas, para firmar uma identidade frente aos outros museus da cidade.

Para referendar essa diretriz e traçar uma linha de atuação a partir desse eixo condutor, logo ao assumir, em maio, tomei as providências necessárias na máquina do Estado para reativar o Conselho Diretor do MCB. Acredito que a presença ativa de um colegiado com poder deliberativo nas instituições culturais públicas é indispensável para dar representatividade às decisões do diretor, em prol do interesse público; e ainda para, entre outras razões, tornar o Museu imune às freqüentes demandas político-partidárias que surgem em instituições governamentais, garantindo que sua programação seja pautada apenas pela relevância e qualidade das propostas culturais.

Procurei indicar para nomeação pelo governador do Estado nomes que representassem uma soma das gestões anteriores, de maneira a poder dar continuidade a todas as conquistas já então obtidas, honrando assim o legado de intelectuais do quilate de Ernani da Silva Bruno (seu primeiro diretor), Paulo Duarte, Antônio Candido, Luis Arroba Martins e Sergio Buarque de Holanda, que tinham sido decisivos na criação do Museu da Casa Brasileira em 1970.

A composição do Conselho não ficou atrás em competência de seus participantes. Carlos Lemos, arquiteto e historiador da arquitetura brasileira; Júlio Abe Wakahara, museólogo e arquiteto; e Ulpiano Bezerra de Meneses, historiador e ex-diretor do Museu Paulista, haviam participado dos primeiros anos do MCB. Neide Hahn, socióloga e administradora pública, e Fábio Magalhães, administrador cultural, trouxeram a experiência dos anos da gestão Carlos Bratke, quando participaram respectivamente da administração e do Conselho do Museu. Do Conselho na gestão Marlene Acayaba, foram reconvocados Carlos Guilherme Mota, historiador, e Cecilia Rodrigues dos Santos, arquiteta e crítica. Gianfranco Vannucchi, arquiteto, e Delia Beru, designer, trouxeram a experiência de ex-presidentes da Associação de Amigos do MCB. Para reforçar a área do design, o convite foi para Oswaldo Mellone, designer de produto. E, como representantes da Fundação Crespi Prado, tivemos a presença de Adriana Maria Crespi e de José Mindlin.

Esse colegiado reuniu-se com regularidade nesses quatro anos. Definimos que a abrangência da arquitetura e do design deveria se estender para as áreas correlatas do urbanismo, paisagismo, artes aplicadas e artesanato. O foco principal, dentro desses temas, deveria ser o modo de morar do brasileiro, visto através de uma visão multidisciplinar, que englobe as dimensões antropológica e sociológica.

A instituição deveria tratar do seu tema não só através de exposições, mas também promover debates e cursos que o tornassem um centro de reflexão sobre esses temas e um ponto de encontro de profissionais, estudantes e interessados

dessas áreas. Sua abordagem, contudo, deveria ser o mais aberta possível, de maneira que, sem desagradar o público especializado, pudesse interessar também às pessoas não necessariamente ligadas nessas áreas.

Esse objetivo deveria ser atingido através de um enfoque didático e generalista das exposições e também de uma programação cultural paralela como as apresentações de música aos domingos. Abrindo-se para o entorno, o Museu teria uma presença mais atuante na cidade e ampliaria sua audiência para o público que trabalha na região, famílias, etc. Ao mesmo tempo, a instituição deveria aumentar a presença virtual para se reafirmar como um centro de referência nacional e internacional. O Conselho definiu em conjunto não só o conceito do Museu, mas também sua programação, caso a caso, apreciando todas as solicitações referentes a acervo, programação de exposições e debates, eventos etc. As discussões sempre foram muito ricas e estimulantes, e não raro manifestavam-se posições antagônicas, prevalecendo a opinião da maioria.

O resultado concreto dessas orientações nesse período de quatro anos da história do Museu da Casa Brasileira está resumido nas próximas páginas desta publicação, que decidimos editar como uma prestação de contas de nossas atividades. É preciso lembrar que todas as ações aqui relatadas tiveram a colaboração decisiva da Associação de Amigos do Museu da Casa Brasileira (AAMCB), uma sociedade civil criada em 1992, sem fins lucrativos, cujo objetivo é fornecer recursos materiais e estimular as atividades artísticas e culturais do MCB, dar apoio integral às atividades culturais e obter financiamentos subsidiados incentivados ou não dentro do âmbito de seu acervo e suas instalações.

Sem a participação dedicada e abnegada dos diretores e associados da AAMCB, sob a presidência da arquiteta Diana Malzoni e, posteriormente, da historiadora e produtora cultural Ana Helena Curti, a pequena equipe do MCB não teria chegado nem perto dos resultados que obteve, e que apresentamos a seguir.

Todas essas ações partem de uma compreensão mais geral de que os equipamentos culturais públicos devem ser democráticos e inclusivos; e que sua programação deve ser um espelho da enorme diversidade cultural brasileira. Um museu deve guardar sim o passado, mas também deve ter um compromisso com o presente e coragem de arriscar-se para apontar o futuro.

Temos a convicção de que o design e a arquitetura em países pouco desenvolvidos como o Brasil, com baixa inserção tecnológica e restrito desenvolvimento industrial, não podem nem devem procurar “imitar” o dos países desenvolvidos, e sim buscar seus próprios caminhos, baseando-se especialmente na extrema inventividade de seu povo. O hemisfério sul não pode ser relegado à condição de importador de produtos e tecnologias do hemisfério norte, mas também deve ser capaz de gerar objetos que atendam às necessidades de sua população.

Além disso, todas as nossas iniciativas procuraram privilegiar o design e a arquitetura que contribuam para um mundo mais justo e solidário e melhorem a vida das pessoas – que é, ao fim e ao cabo, a missão primeira e última dessas atividades e de todos nós.

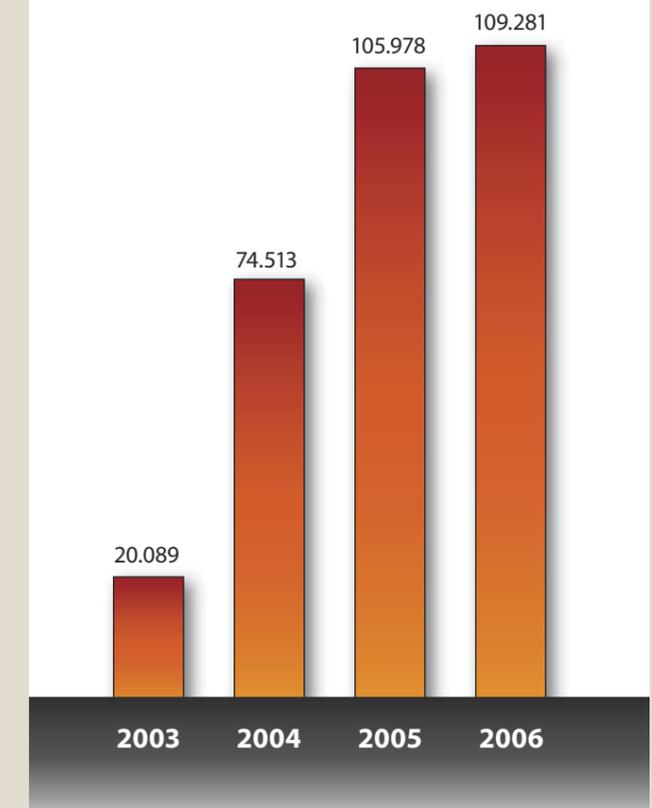
Adélia Borges

De portas abertas

A primeira providência da gestão foi determinar que os portões do Museu passassem a ficar totalmente abertos, e não semi-cerrados como antes, com apenas meia folha aberta. O horário de funcionamento, antes de terça a domingo das 13 às 18 horas, foi estendido para o período das 10 às 18 horas. Essas providências, aliadas à dinamização da programação e à sua maior divulgação, levaram a um grande aumento de público. No período 2003-2006, a frequência de visitantes cresceu 444%, passando de 20.089 para 109.281 pessoas, como se pode ver pelo gráfico.

No momento de redação deste relatório, a visitação nos três primeiros meses de 2007 acumulava 20.260 visitantes (em igual período nos anos anteriores, foram 247 pessoas em 2003, 13.373 em 2004, 18.038 em 2005 e 16.389 em 2006).

Público visitante do MCB



Acervo

Móveis e objetos

O acervo compõe-se principalmente de móveis (séculos 17 a 21, objetos decorativos ou de uso doméstico e, em pequena proporção, obras de arte. Originalmente a base de dados com informações do acervo estava em fichas catalográficas guardadas no sub-solo do Museu. Em 1997 fora confeccionado um banco de dados informatizado; este banco, contudo, não foi encontrado quando a atual gestão assumiu o MCB, e portanto as informações sobre cada peça não estavam acessíveis.

Pela importância da catalogação adequada da coleção e tendo em vista a inexistência de museólogo em seu quadro de funcionários, em 2003 a direção do MCB solicitou ao Departamento de Museus e Arquivos (Dema) da Secretaria de Estado da Cultura o deslocamento de um funcionário para a elaboração de um levantamento apurado do acervo.

Como isso não se concretizou, no primeiro semestre de 2004 a AAMCB contratou uma avaliação técnica de todas as peças à museóloga Cecília Machado, que teve a supervisão da museóloga Diná Jobst, integrante dos quadros do Dema. O levantamento constatou que grande quantidade de objetos e móveis do acervo havia sido transferida pela gestão anterior para outros museus da capital e do interior pertencentes à Secretaria de Estado da Cultura e para outras instituições.

No segundo semestre de 2004, a AAMCB contratou os serviços da ex-funcionária Gloria Bayeux para elaborar um novo banco de dados informatizado. Nesse mesmo período, colaboradores do Museu mapearam algumas dessas peças transferidas e elaboraram um dossiê para que o Conselho Diretor tivesse condições de avaliar a conveniência de solicitar devolução desse objetos ao MCB. Algumas peças – como a rede lavrada de algodão, exemplar raro por ter quatro punhos em estilo bandeirante e a poltrona Gaivota, do designer Reno Bonzon – voltaram para o acervo nesta ocasião, com a anuência do Conselho Diretor; porém a inexistência de espaço para abrigar um número maior de obras, tanto em exposição quanto em guarda, impediu o prosseguimento deste trabalho.

Em 2006, o levantamento anterior foi aprofundado, com o objetivo de concluir a alimentação integral do banco de dados, aprofundar o conhecimento sobre cada peça e redigir novas legendas. Sob a coordenação do historiador e técnico em museologia Wilton Guerra, com a participação da historiadora Renata Simões como assistente de pesquisa, o trabalho incluiu a análise de livros de tombo, de atas de reuniões realizadas pelo Conselho Diretor do Museu, de fichas catalográficas e de inventários fotográficos e ainda consultas a especialistas e a bibliografia de apoio.

Em março de 2007, o acervo tombado do MCB (ou seja, incorporado ao patrimônio do Estado) constitui-se de 135 peças de mobiliário (58 mó-

veis de descanso, 26 móveis de guarda, 15 móveis de repouso e 36 móveis de utilidade); 126 objetos (dois objetos de culto, 40 objetos de decoração e 84 objetos de utilidade); e nove quadros.

Existem ainda, em processo de tombamento, 18 peças obtidas desde maio de 2003 (ver Composição do acervo) e 31 peças (objetos, esculturas e quadros) de um lote legado por Joseph Schumuck Drecoll. Totalizando, são 319 peças.

O ano de 2005 foi dedicado, no que tange ao acervo, às reformas e adaptações necessárias para a instalação da primeira reserva técnica do MCB – local onde ficam as peças não expostas, e que deve ter boas condições de conservação, controle e observação e estudo das peças fora de exposição (ver *Instalações* neste relatório).

Conservação e restauro

Ao longo desses anos, foram restauradas e higienizadas 68 peças. Móveis de guarda, descanso, utilidade, quadros e objetos de decoração, em diversos suportes (madeira, couro, tecido, cristal e marfim) passaram por higienização, troca de palhinhas e de tecidos e por diversos reparos.

Museografia

A coleção do MCB se encontrava exposta, desde 1998, na mostra O Móvel da Casa Brasileira. A primeira providência da gestão em relação à mostra foi trazer do sub-solo peças como a Cadeira de Embalo de Joaquim Tenreiro, de fundamental importância para a história do móvel brasileiro, enquanto outras foram deslocadas da exposição. Além disso, as peças expostas receberam novas legendas enfocando os aspectos subjetivos que

Novas peças



Bar
Zanine Caldas

Carrinho de chá Nômade
Claudia Moreira Salles

Cadeira Preguiça
Vilanova Artigas

constituem esses objetos, valorizando, assim, a forma de uso, a importância do objeto dentro da casa e sua contribuição para a qualidade de vida das pessoas.

Em 2005, houve uma renovação da cenografia do hall principal e do hall de acesso ao restaurante e aos banheiros do Museu, com o remanejamento de peças, substituição das bases expositivas e valorização dos acessos às várias salas de exposições, inclusive do andar superior, que nem sempre era percebida pelos visitantes mais apressados.

No início de 2007, o espaço da exposição do acervo passou por ampla reforma (ver *Instalações*) e nova museografia foi realizada, com concepção e projetos do arquiteto Giancarlo Latorraca, coordenador de exposições do MCB desde julho de 2005, com o objetivo de valorizar a coleção e permitir sua melhor fruição pelo público.

Composição do acervo

A atual direção entende que o acervo do MCB possui peças de valor histórico e artístico; no entanto a coleção como um todo é genérica, sem um recorte específico nem em período, nem tipologia, nem linguagem artística. Assim, há de tudo um pouco, mas carecendo de um fio orientador, o que resulta em lacunas. O problema se agrava quando se tem em conta que acervos tridimensionais têm expansão problemática por ocuparem muito espaço tanto de exposição quanto de armazenamento, condição inexistente no edifício ocupado pelo MCB.

A direção entende que são necessárias ações de maior envergadura para resolver essa questão, tanto com a formação de um grupo curador da aquisição e/ou desativação de peças, quanto com o estudo de alternativas de espaço para exposição e armazenamento.

Sem condições de enfrentar esse problema em sua magnitude, a direção procurou melhorar a ação do acervo com ações pontuais. Nomes e móveis essenciais para a compreensão da evolução do design no Brasil foram acrescentados à coleção, sem ônus para o Estado ou para a AAMCB. A Poltrona Mole, de Sergio Rodrigues, talvez a peça mais célebre do design brasileiro do século 20, foi incorporada ao acervo em 2006, como também a poltrona Diz, do mesmo autor, de 2002, abrindo assim o período do século 21 na coleção MCB, ambas em doação da empresa Linbrasil, que as produz.

Entre outras obras, Michel Arnoult, o nome mais importante da procura da democratização do design no Brasil no Século 20, presenteou sua Poltrona Pelicano, com que venceu o 17º Prêmio Design MCB na categoria Mobiliário. O arquiteto Paulo Mendes da Rocha teve sua cadeira

Paulistano, vencedora do 1º Prêmio Design, concedida pelas empresas Objekto e Dpot.. A Mesa Rino Levi foi doada por Janete Costa. A designer Claudia Moreira Salles doou seu carrinho de chá Nômade. O designer Hugo França entregou sua chaise longue Namoradeira, exposta no jardim, enquanto a Marcenaria Baraúna presenteou o Museu com a cadeira Girafa, de autoria de Lina Bo Bardi, Marcelo Ferraz e Marcelo Suzuki. O colecionador João Pedrosa transferiu para o MCB o Bar Z, de José Zanine Caldas, e um objeto em vidro de Mario Seguso.

Na área de vidros, os designers Edu e Beth Prado e Jacqueline Terpins também doaram peças ao Museu. Móveis e objetos de outros criadores, como Geraldo de Barros, Flávio de Carvalho e os irmãos Campana, deveriam ser incorporados tão logo possível para tornar a coleção minimamente representativa do design brasileiro do século 20.



Poltrona Mole
Sergio Rodrigues



Poltrona Diz
Sergio Rodrigues



Poltrona Namoradeira
Hugo França



Cadeira Paulistano
Paulo M. da Rocha



Mesa
Rino Levi



Poltrona Pelicano
Michel Arnoult

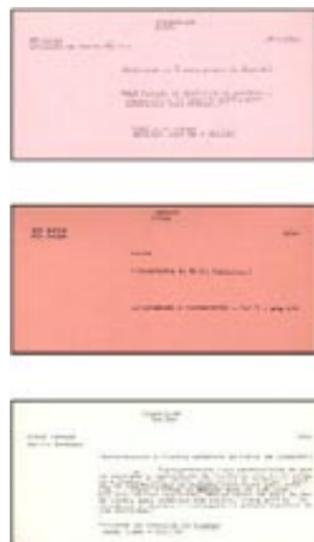


Cadeira Girafa
Lina Bardi, Marcelo Ferraz
e Marcelo Suzuki

Fichário Equipamentos da Casa Brasileira

Outro tipo de acervo do Museu da Casa Brasileira é a coleção de 28.000 pequenas fichas de cartolina com citações retiradas de inventários e testamentos, literatura ficcional e relatos de viajantes (séculos 15 a 19) sobre equipamentos da casa brasileira, usos e costumes.

Esse material foi organizado na década de 1970 pelo primeiro diretor do Museu, o historiador Ernani Silva Bruno. Em 2001, na gestão Marlene Acayaba, as fichas foram digitalizadas; seus dados, organizados; e publicou-se uma série de cinco livros com essa transcrição, agrupados nos temas Alimentação, Construção, Costumes, Objetos e Equipamentos.



Fichas feitas na década de 1970 e reproduzidas em CD e no site (à direita) em 2005.

Na atual gestão, o conteúdo integral dessas fichas foi colocado na Internet e em CD-ROM, com a intenção de democratizar o acesso às informações produzidas na instituição ao longo de sua história. O design e a navegabilidade dos dois produtos foi feito para ser acessível, didático e funcional. Uma ferramenta de busca simples foi concebida com o intuito de facilitar a obtenção de informações. Outros recursos, como imagens e textos, também integraram o material e servem de suporte e de inspiração para novos usos do arquivo. O CD-Rom foi distribuído gratuitamente a 1.577 bibliotecas, centros culturais, museus, universidades e escolas em todo o Brasil. Além disso, um curso de capacitação para o uso do CD em salas de aula foi concedido a 800 professores da rede pública do Estado de São Paulo (ver *Educação e Pesquisa*). O projeto teve patrocínio do programa Petrobras Cultural, tendo sido escolhido em concurso.



Centro de Documentação

O centro de documentação do MCB está instalado numa área de 33 m² e abriga cerca de 3.000 publicações entre livros, catálogos e revistas voltados para as áreas de artes e humanidades, com destaque para as obras a respeito de mobiliário, arquitetura, design e história de São Paulo. Em 2003, as obras estavam desorganizadas nas estantes e o programa de informática de registro dos livros havia se perdido, existindo apenas uma listagem impressa, por ordem de tombo das obras.

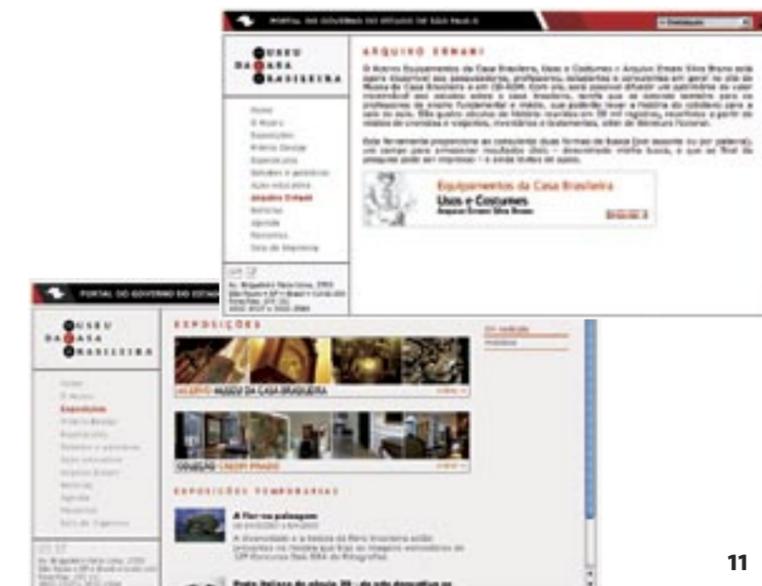
Em 2003, foi feita a solicitação à Secretaria de Estado da Cultura de deslocamento de uma bibliotecária para o MCB. Frente à negativa ao pedido, a AAMCB contratou o serviço pontual de uma bibliotecária que já havia prestado serviços para o MCB para organizar as estantes.

Entre agosto e setembro de 2003 foi feita uma rápida reforma numa das salas do Museu para abrigar os livros, sem, no entanto, resolver o problema de ausência de área suficiente para o atendimento de grupos de pesquisadores. Definiu-se como procedimento o prévio agendamento da pesquisa, por telefone ou e-mail, para que um monitor do Serviço Educativo pudesse recebê-los e ajudá-los na localização dos livros, já que a catalogação não informatizada impede que o próprio pesquisador faça isso.

Em 2005, em consequência de goteiras provocadas por fortes chuvas e telhas quebradas, 70 livros foram danificados. No segundo semestre o Museu comprou estantes de aço deslizantes fechadas, com o objetivo de acondicionar livros e documentos de forma mais segura.

Em 2006, decidiu-se criar o Centro de Documentação (Cedoc), com a incumbência não só de guarda dos livros, mas também de reunir e organizar toda a documentação relativa à memória do MCB, até então dispersa. Hoje o Cedoc abriga relatórios de atividades, documentação das exposições temporárias, clippings impressos e eletrônicos e gravações de palestras, debates e concertos realizados no Museu.

De 2003 a 2006, o Cedoc enriqueceu seu acervo com a incorporação de 316 novas publicações, doadas por autores e/ou editoras.



Nova frente: acervo fotográfico

Em 2006 o Museu iniciou um programa de inventário visual da casa brasileira. A idéia é investigar sistematicamente as maneiras de morar do brasileiro para formar exposições anuais e um banco de imagens que se desdobre em várias vertentes – com recortes não só pelo olhar do fotógrafo em regiões bem pontuais, mas também por regiões do país, por usos e funções, por cômodos, etc.

Optou-se também por começar com imagens dos interiores das residências, lócus privilegiado de expressão do morador e ponto de intersecção entre a arquitetura e o design, que são os dois temas principais de nossa instituição. A pesquisa, aberta para as várias regiões do país e os vários cômodos das casas, preocupou-se menos com a forma arquitetônica em si e mais com o modo de morar do brasileiro. Não interessou no primeiro momento o espaço que deriva de um projeto profissional, seja de um arquiteto, de um construtor ou de um decorador, mas a casa das pessoas comuns, especialmente das classes populares, que também demograficamente estão mais representadas na população do país.

A idéia é que as imagens expostas em cada exposição anual, além de serem incorporadas ao

acervo, sejam disponibilizadas para itinerância em outras instituições. A primeira exposição foi Casas do Brasil – 2006, que reuniu 70 imagens dos fotógrafos Anna Mariani (região do Cariri – CE), Iêda Marques (Chapada Diamantina – BA); João Urban (colônia polonesa no sul do Paraná) e Andrés Otero (imigração italiana na região da Quarta Colônia – RS), curadoria de Carlos Lemos e Ulpiano Bezerra de Meneses.

O objetivo final do projeto é espelhar os habitats brasileiros em sua rica e pouco conhecida diversidade, celebrando a imensa pluralidade das formas de morar no Brasil.



Acima, foto de João Urban; ao lado, de Anna Mariani.

Exposições temporárias

A idéia básica que orienta a escolha dos temas das exposições é tornar o Museu da Casa Brasileira um campo privilegiado para a expressão da imensa riqueza cultural brasileira. Não apenas a do eixo Rio-São Paulo, muito menos apenas aquela das classes mais ricas, mas sim a diversidade de expressões culturais país a fora.

A pluralidade é um eixo constante da programação. O design, como se sabe, é uma expressão multidisciplinar. Sua intersecção com a tecnologia ficou evidente, por exemplo, na exposição **Melhorando a Vida, o Design das Inovações Suecas**, cujo foco foram as inovações tecnológicas como o rolamento, o zíper, o fósforo, a chave inglesa, as embalagens de Tetra Pak até o robô aspirador de pó da Electrolux.

Numa outra ponta, a intersecção com o artesanato se explicitou em exposições como **Meninas Geraes**, mostrando a ação de revitalização do trabalho de artesãs mineiras empreendido por Renato Imbroisi; **Da Sede ao Pote**, com um panorama do trabalho da ONG Arte Sol; e **Fio da Trama**, com o registro feito pela fotógrafa Rita Toledo Piza sobre o trabalho artesanal.

Igual atenção foi dada ao design erudito e ao design anônimo, praticado nas ruas, como se pôde ver em **Design Popular da Bahia**, onde se revelou a extrema inventividade do povo baiano na criação de objetos de uso cotidiano como meio para vencer o desafio da sobrevivência.



Carrinho da mostra Design Popular da Bahia

A recuperação do patrimônio da cultura material brasileira esteve presente em:

- **Pios da Mata**, com instrumentos de sopro que reproduzem o som de aves, confeccionados há 101 anos por uma pequena fábrica em Cachoeiro do Itapemirim, no Espírito Santo.
- **Se Esta Rua Fosse Minha**, com cerca de 500 ladrilhos hidráulicos, piso de fabricação artesanal que faz parte da memória do brasileiro, nas casas das mais variadas classes sociais.
- **Bancos indígenas: Entre a Função e o Rito**, com cinco peças arqueológicas e 58 bancos provenientes de 16 sociedades indígenas, numa exposição cujo objetivo foi fazer uma ponte entre a arqueologia, a etnografia e o design contemporâneo, além de celebrar a beleza de tradições indígenas que continuam vivas.

Na área de arquitetura e urbanismo, merecem destaque as mostras **(Re)conhecer o Centro**, em comemoração aos 450 anos de São Paulo, quando as ações voltadas à revalorização do centro histórico da cidade foram focalizadas; a **6ª e 7ª edições do Prêmio Jovens Arquitetos**, uma promoção conjunta do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-Departamento de São Paulo) e do MCB; e **Éolo Maia: O Vento Sobre a Cidade**, com projetos e maquetes do arquiteto mineiro Éolo Maia (1942-2002), um dos precursores da arquitetura pós-moderna no país.

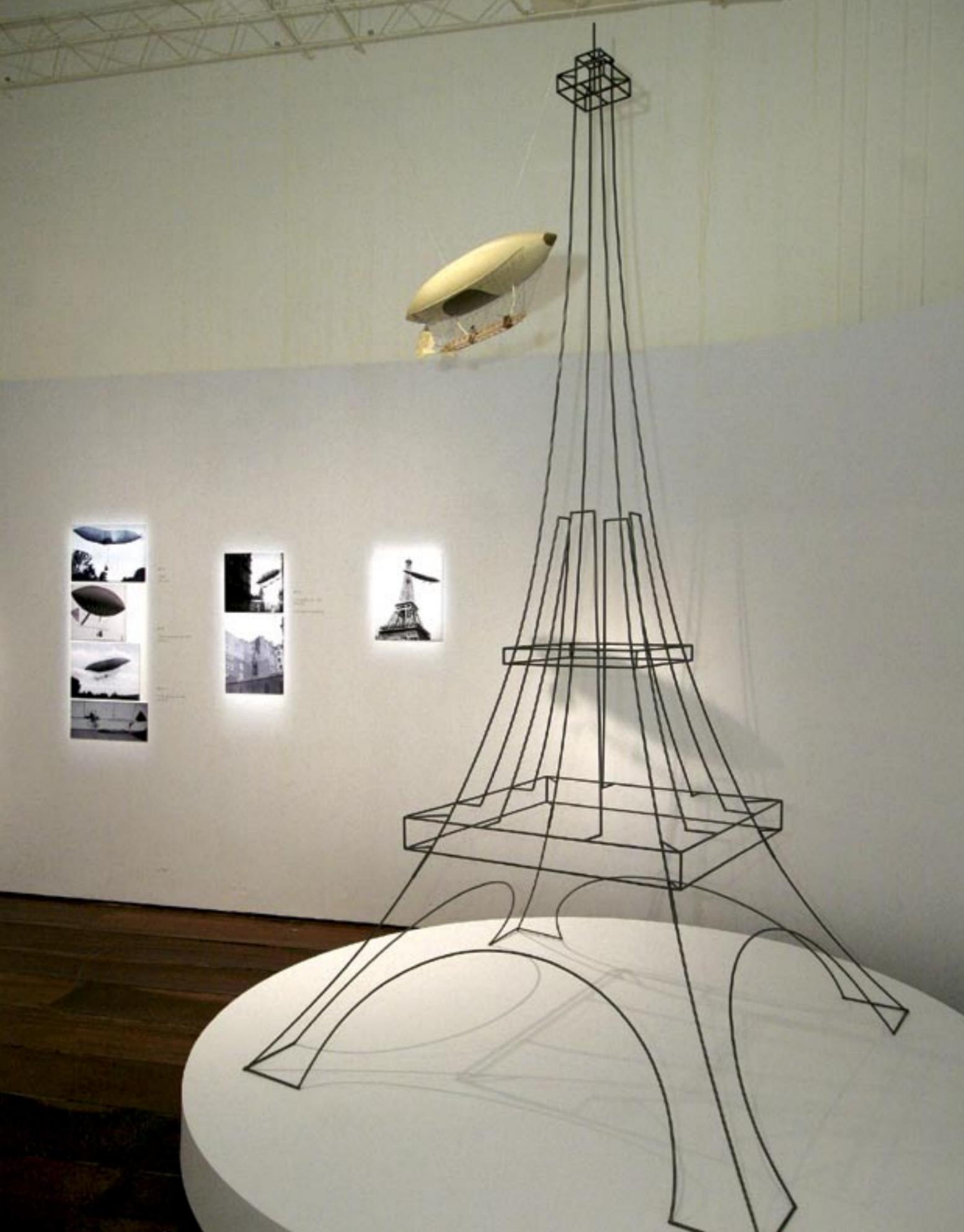
As trajetórias de designers foram detalhadas em mostras como **Carlos Motta, In Vitrum Veritas**, de Jacqueline Terpins; **Tecnokitsch**, mostrando o trabalho em iluminação de Guinter Parschalk; e **Claudia Moreira Salles**.

Em **Happyland vol.II**, os arquitetos Isay Weinfeld e Marcio Kogan fizeram uma crítica social mordaz à relação entre design e violência urbana, vista através de um humor sutil e refinado. Numa visão plural, falou-se também de design de roupas, como **A Chita na Moda**, com as concepções de 11 estilistas brasileiros sobre a chita, e **Quimonos Japoneses**, com peças primorosas trazidas por Tsugiko Taira, curadora do Haebaru Town Museum, de Okinawa, Japão.

A prioridade do programa de exposições temporárias é o Brasil, mas não há exclusividade. Além de **Design Sueco**, destacam-se **Design Britânico x 4**, com o jovem design praticado em Londres na atualidade; **Clássicos de Rietveld**, concebida pela Universidade de Delft, na Holanda, com um apanhado da produção em design do revolucionário arquiteto holandês Gerrit Rietveld (1888-1964); e **Pratas Italianas do Século 20**, com peças do Museu de Prataria Contemporânea de Pavia, na Itália.

Exposição Bancos Indígenas





Também foram constantes as mostras de fotografias, sempre dentro do tema-alvo. Podem ser citadas **Moradas do Brasil**, com 60 fotos de Rui Faquini retratando especialmente a casa modesta do centro-oeste do país, uma celebração da intenção de beleza dos moradores em seu espaço doméstico; **Artérias Paulistas**, com imagens de Gal Oppido e Hugo Curti captando a malha viária estridente de São Paulo; **Cidades Reveladas**, com fotos de Cristiano Mascaro, uma leitura singular e inesperada do cenário urbano brasileiro, resultado de seis anos de viagens por cidades grandes e pequenas nas várias regiões do país; e **Casas do Brasil – 2006**, com ensaios de Andrés Otero, Anna Mariani, Iêda Marques e João Urban (*ver capítulo Acervo*).

À esquerda, montagem da exposição Santos Dumont designer; acima, Pios da Mata

Em **Santos Dumont Designer**, grande sucesso de público e de crítica, Guto Lacaz, que idealizou e montou a mostra, projetou uma cenografia capaz de traduzir para o público a inventividade desse ilustre brasileiro que foi um designer completo: Santos Dumont concebeu, construiu e experimentou objetos que uniram forma e função com rara maestria e mudaram a história. Modelos em escala dos aviões 14-bis e Demoiselle podiam ser vistos voando dentro de dois túneis de vento. Duas centenas de miniaturas do Demoiselle demonstravam que esse foi um projeto feito para ser reproduzido. O ambiente do Campo de Bagatelle, de Paris, foi recriado nos jardins do Museu, com a demonstração animada de vôos do 14-bis. Um modelo em escala do Dirigível nº 6 esteve nas proximidades de uma torre Eiffel estilizada, instalada numa base giratória.

Coleção Crespi-Prado

O casal Fábio Prado e Renata Crespi Prado reuniu em sua residência uma valiosa coleção de peças utilitárias e objetos de arte, entre pratarias, mobiliário, tapeçaria, quadros e esculturas. Depois de anos em locais com acesso restrito, em 1998 parte desse acervo, pertencente à Fundação Crespi Prado, voltou à casa, ocupando o andar superior e parte do hall no andar térreo.

A mostra permanente retrata como vivia, em meados do século 20, um casal abastado e importante para a vida cultural e política da capital, com um forte gosto pela sofisticação européia. Fábio da Silva Prado (1887-1963) foi prefeito de São Paulo entre 1934 e 1938. Em sua gestão foram iniciadas as obras das avenidas 9 de Julho, Rebouças e Anhangabaú, do Viaduto do Chá e do Estádio Municipal do Pacaembu. Ele criou, em 1935, o Departamento de Cultura Municipal, cujo primeiro diretor foi o escritor Mário de Andrade. Casou-se em 1914 com Renata Crespi (1897-1984), filha do industrial e conde italiano Rodolfo Crespi e de Marina Regoli Crespi.

Desde 2003, a exposição foi incluída na visita monitorada do MCB; Maria Ruth do Amaral Sampaio, ex-diretora da FAU-USP, fez palestras sobre a casa e o casal e foi editado um folder bilíngüe. Em 2006, a exposição temporária **Renata e Fábio Prado, a Casa e a Cidade**, procurou atender a curiosidade pelo projeto original da casa e homenagear o casal.



Renata Crespi por Victor Brecheret

Uma possibilidade explorada a partir de 2005 foi a realização de pequenas mostras em paralelo às montagens da sala principal do Museu. Situam-se neste caso **Artigas: a Casa e a Cadeira**, feita para não deixar passar em branco os 90 anos do arquiteto Vilanova Artigas (1915-1985); e **Equipamentos da Casa Brasileira**, para acompanhar o lançamento de CD-Rom com o fichário reunido pelo primeiro diretor do Museu e permitir um uso dinâmico de peças do acervo; entre outras. Essa experiência, que nasceu da falta de recursos do Museu, acabou por trazer maior dinamismo à sua programação.

Como a área expositiva é pequena, e o jardim imenso, houve um aproveitamento do jardim como área museográfica. Entre outras, cabe destacar **Hugo França**, pelo excelente uso do espaço com seus móveis escavados em troncos de árvore caídos, num trabalho em que o design está na fronteira com as artes plásticas; **Tipografia/ Cerâmica**, uma mistura de linguagens nas peças do ceramista, designer e artista mineiro **Máximo Soalheiro**; e a mostra **Jardim do Solar**, que apresentou esse oásis em meio à densa urbanização da região da avenida Faria Lima como um acervo vivo e um dos últimos

espaços verdes remanescentes a ilustrar os hábitos de moradia da elite paulistana na primeira metade do século 20. A mostra apresentou individualmente 30 árvores, escolhidas entre as mais antigas, belas ou importantes, das mais de 500 existentes no Museu.

Cabe destacar ainda a exposição **Desenho Anônimo - Legado da Imigração no Sul do Brasil**, que trouxe cerca de 500 objetos de uso cotidiano feitos por artesãos da imigração italiana e alemã, desde o início do século 19 até o final do século 20, reunidos na coleção Azevedo Moura.

Em suma, em suas exposições temporárias o Museu da Casa Brasileira procura abrir espaço tanto para as manifestações eruditas quanto para as populares e anônimas, que são mostradas não com a visão do exótico, a visão que folcloriza e mantém distante, e sim com o olhar que se regozija com esta diversidade e hibridização.

Valorizar produtos, processos e práticas diretamente associados a seus contextos é visto como um caminho não só para assegurar o desenvolvimento social e econômico das regiões envolvidas, como também para preservar a seiva da expressão cultural das regiões.

À esquerda, Exposição Tipografia / Cerâmica



Prêmio Design MCB



Exposição do Prêmio em 2006

Design era uma palavra pouco conhecida e compreendida quando, em 1986, Jorge da Cunha Lima, então secretário de Estado da Cultura de São Paulo, e Roberto Duailibi, diretor do Museu da Casa Brasileira, criaram um prêmio para incentivar a sua disseminação no país.

O Prêmio Design MCB se tornou a premiação de design de produto com maior longevidade em nosso país, o mais reconhecido por sua seriedade e aquele cujos resultados mais fortemente ecoam além de suas próprias fronteiras. Ou seja, é o prêmio que tem maior visibilidade social, ou, como muitos o chamam, o Oscar do design brasileiro. A percepção consciente sobre a importância do design para a economia do país e para o bem-estar dos cidadãos cresceu muito nas duas últimas décadas, e sem dúvida o Prêmio Design Museu da Casa Brasileira teve – e tem – um papel central nisso.

A avaliação do Conselho Diretor do MCB foi de que o Prêmio não necessitava de mudanças, e sim de

fortalecimento. Algumas poucas alterações foram feitas. O regulamento foi mantido praticamente o mesmo, com uma ligeira mudança de maneira a ampliar o seu alcance. Já em 2003, tirou-se o adjetivo “residencial” e “doméstico” das categorias, de maneira a abranger os equipamentos para o habitat em geral, já que as fronteiras entre os ambientes da casa e do escritório estão e devem ficar cada vez mais tênues.

Percebeu-se também que, ao longo do tempo, algumas mudanças no regulamento deixaram o Prêmio MCB com uma vocação dúbia – tanto a de reconhecer o melhor como a de se abrir para a experimentação e para os novos talentos. A decisão foi de reforçar o seu papel como o certificador da excelência no design brasileiro. Por causa disso, restringiu-se a participação nas várias categorias a produtos que já estejam no mercado. Para as idéias ainda no papel ou no protótipo, criou-se uma categoria específica, “Novas idéias/ Conceitos”, esta sim deliberadamente aberta à experimentação, e à prospecção e a toda sorte de propostas ainda não executadas. As categorias ficaram assim definidas: mobiliário, utensílios, iluminação, têxteis e revestimentos, equipamentos eletro-eletrônicos, equipamentos de construção, trabalhos escritos e novas idéias/ conceitos.

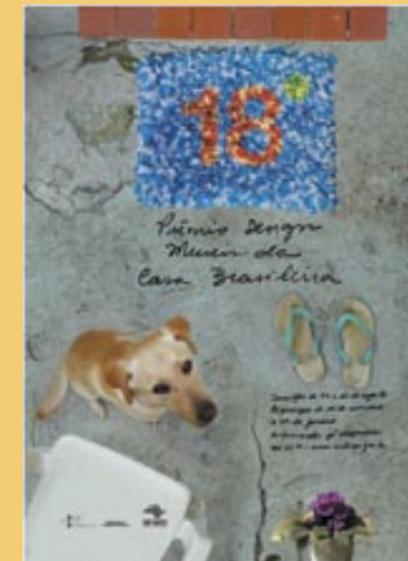
Os critérios de avaliação dos produtos inscritos privilegiam a inovação, a inteligência do projeto e sobretudo sua capacidade de melhorar a vida das pessoas. Especial atenção foi solicitada em relação ao design inclusivo, presente em produtos destinados a público de baixo poder aquisitivo.

Concurso de identidade visual

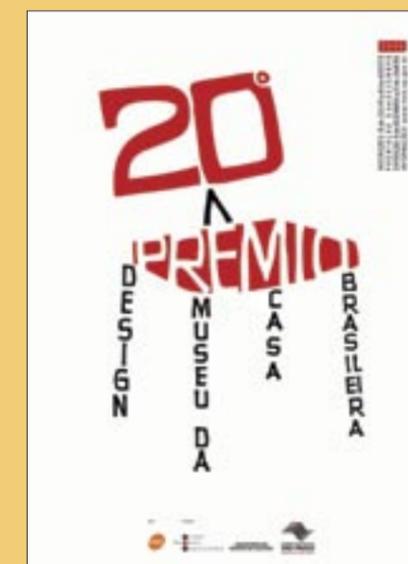
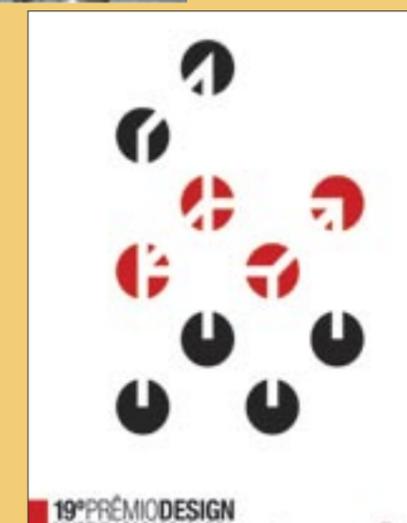
O cartaz é um importante meio de expressão cultural ainda pouco usado no Brasil. O Prêmio Design MCB desde o seu início adotou esta mídia. Ele vem sendo divulgado por meio de cartazes desde a sua quarta edição, em 1989. A partir de 1995, foram realizados concursos para a escolha do cartaz que melhor representasse a idéia de design. Eles eram feitos, contudo, após o julgamento dos produtos, sendo utilizados para a divulgação do Prêmio apenas a posteriori e distribuídos na noite de premiação.

A atual gestão transformou o certame num concurso para todo o design gráfico de cada edição do Prêmio, incluindo folder com o regulamento, convite digital e impresso, banner, certificado, folder com o resultado e aplicação em camisetas, e passou a realizá-lo como primeira atividade do Prêmio Design em cada ano. Desta forma, o cartaz, impresso em tiragem de cerca 2.000 exemplares, passou a ser distribuído em instituições e escolas de design em todo o país, transformando-se efetivamente na principal peça de sua divulgação ao longo de todo o ano. Isso ocorreu a partir de 2004; em 2003 o concurso foi cancelado por falta de tempo para realizá-lo dentro de um patamar mínimo de qualidade.

Os critérios de avaliação são clareza de comunicação, conceito, originalidade, viabilidade técnica e econômica, e boa aplicação da imagem em todas as peças de comunicação.



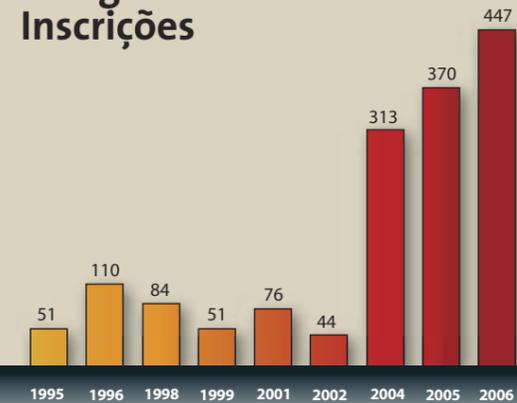
No alto, cartaz de 2004, de autoria da Designing (Alexandre Andrade, Theo França, Juliana Cabalin, Manuel Guimarães e Nivia Barbosa); no meio, 2005, autoria de Eduardo Albuquerque; abaixo, 2006, design de Taïam Ebert.



Participação

As inscrições para o concurso de identidade visual cresceram muito, como se pode ver no gráfico abaixo (os dados de 1997 e 2000 estão indisponíveis e em 2003 não houve concurso). No caso do Prêmio propriamente dito, que abrange o design de produtos, com exceção do ano de 1996 (aniversário de 10 anos e ocasião de lançamento de um livro), as inscrições tinham ficado abaixo do patamar de 300 participantes.

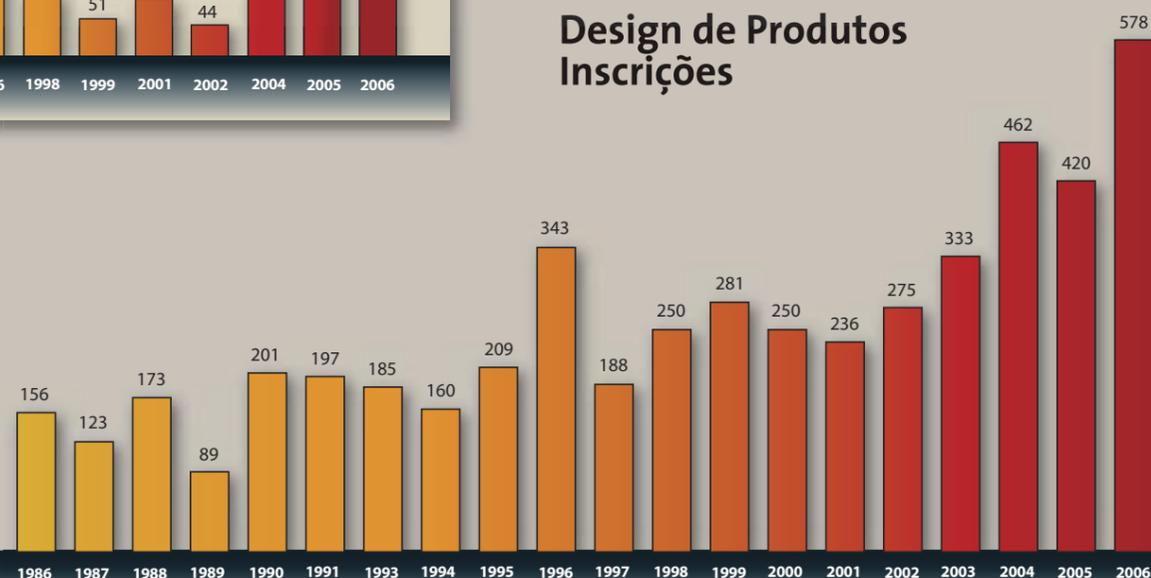
Design Gráfico Inscrições



A distribuição geográfica dos inscritos dos dois certames demonstra a abrangência nacional do Prêmio Design MCB, variando entre 15 e 17 Estados nos últimos anos.

A participação cresceu muito em qualidade, voltando a incluir profissionais da primeira grandeza do design brasileiro, que haviam se afastado. Em 2003, um dos vencedores foi Michel Arnoult, então com mais de 50 anos de folha de serviços ao design brasileiro na defesa cotidiana dos produtos bem concebidos para a população de baixa renda. Em 2004, Anísio Campos, um dos mais importantes designers de automóveis do país, pontificou com carro que aperfeiçoava projeto original de 1982. Em 2006, o primeiro lugar em Mobiliário coube ao veterano Sergio Rodrigues, famoso desde 1961, quando sua poltrona Mole, premiada na Itália, virou item da coleção do MoMA.

Design de Produtos Inscrições



Carro da Óbvio Design, luminária Bossa de Fernando Prado e exposição do Prêmio em 2004.



Valorização do setor produtivo

A principal alteração do Prêmio Design desde 2003 se deu a partir do entendimento de que o designer sozinho tem um alcance limitado, e precisa necessariamente do empresário para que sua idéia se transforme em realidade. Por causa dessa compreensão, a partir de 2003 decidiu-se que tanto o designer quanto um representante da empresa produtora deveriam subir ao palco para receber seu diploma. Nesse período, foram contempladas as empresas Airfree, Arno, Coza, Deca, Electrolux, GE, Intermed, Itautec, Lumini, Martiplast, Mercur, Multibras, Philco, Polionda, Tigre, Tramontina e Starret, entre outras.

Em 2004, o Conselho Diretor deu um passo além e resolveu homenagear, a cada edição, uma ou mais empresas que se destaquem pelo pioneirismo na adoção do design como diferencial de qualidade de seus produtos. O parâmetro para essa escolha foi de que o investimento por parte da empresa não fosse algo episódico, e sim consequência de uma ação continuada.

Assim, em 2004, os escolhidos foram Móveis Teperman, representados por seu diretor Milly Teperman, e Probjeto, por seu diretor Leo Seincman, ambos pioneiros na introdução do design no setor moveleiro. Em 2005, a Volkswagen foi eleita por ter desenvolvido inteiramente no Brasil o projeto do Fox. Em 2006, a escolha do Conselho recaiu sobre a Embraer, por sua excelência no design aeronáutico. Na noite de premiação, quem entrega esse diploma é tradicionalmente José Mindlin, conselheiro do MCB e uma das principais personalidades do país a disseminar a idéia de que o design está ligado não só à cultura e à arte, mas também à tecnologia e ao desenvolvimento econômico do país, sendo um fator decisivo para a competitividade de nossas empresas.

Educação e pesquisa



Alunos em visita à exposição Santos Dumont designer

Em maio de 2003 o setor de educação e pesquisas do MCB se limitava à presença de duas monitoras, encarregadas também da cobrança de ingressos. Com base na compreensão de que o serviço educativo é de extrema importância e faz toda a diferença na maneira como o público experimenta a visita ao Museu, a nova direção deu prioridade para esta área. O núcleo começou sua efetiva implantação no início de 2004, com programa apoiado em três pontos básicos:

- Visitas educativas conduzidas pela equipe especializada de monitoria e elaboração de atividades específicas para cada exposição;
- Formação para educadores e público interessado, leigo ou especialista, para compreensão das temáticas abordadas pelo Museu;
- Pesquisa de apoio às exposições e ao acervo.

Essas ações visaram favorecer a formação de um público mais crítico, seja ele composto por estudantes, leigos ou especialistas, por meio de ações relacionadas às exposições apresentadas pelo Museu, especialmente de seu acervo, situando as questões do desenvolvimento do mobiliário e equipamentos do cotidiano brasileiro e arquitetura dentro do universo da cultura brasileira em toda a sua complexidade e riqueza.

A equipe de educadores preparou-se para atender os diferentes públicos, de idades e formações diversas, adequando os conteúdos e as atividades de acordo com os objetivos e nível de compreensão e interesse de cada um. As visitas com monitoria passaram a ser de dois tipos:

- Agendadas - em geral de instituições escolares e sociais. Neste caso, a duração é de cerca de uma hora e meia e os percursos desenvolvidos procuram atender os objetivos da instituição.
- Espontâneas - para pessoas que visitam o museu, individualmente ou acompanhadas. Esta ação pró-ativa dos monitores procura "conquistar" para a observação atenta das mostras também as pessoas que vêm ao museu motivadas por outras atividades, tais como assistir a shows musicais ou frequentar o restaurante.

Os procedimentos para contato, formação e criação de mailling de escolas e coordenadores, instituições culturais e ONGs foram implementados, com a produção de textos informativos sobre o Museu e a divulgação de nossas atividades para essas instituições. Estabeleceu-se

um agendamento ativo pelo telefone e implementou-se um banco de dados com as escolas e instituições culturais contatadas.

O transporte gratuito por ônibus fretado, oferecido para instituições de ensino público e instituições sociais foi essencial para viabilizar a visita de escolares de regiões distantes. Ao longo desses anos, procurou-se oferecer esse serviço em dois horários diários (às 10 e às 14 horas), pois esse público da periferia dificilmente chegaria ao museu por outros meios.

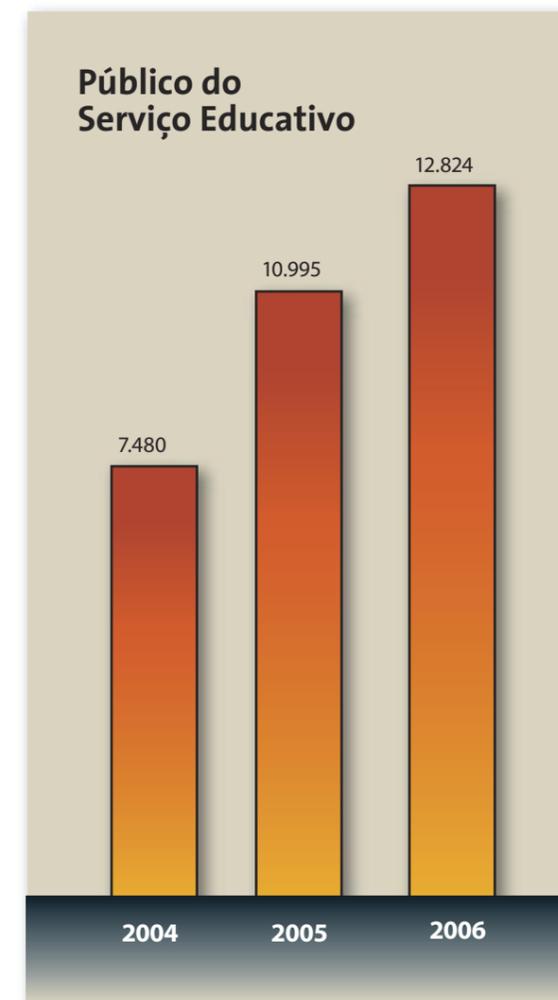
Formação interna para monitores

Os arte-educadores Christina Rizzi e Cildo Oliveira foram convidados para o desenvolvimento de ação educativa para a exposição do acervo do Museu da Casa Brasileira, com o objetivo de qualificar o atendimento e desenvolver uma nova leitura da mostra. Os arte-educadores foram buscar as idéias do pensador francês Gaston Bachelard, manifestas em seu livro "A poética do espaço", para embasar a ação dos monitores. A intenção foi trazer o imaginário de cada visitante para um diálogo direto com as peças do acervo. Eles deram um curso para os monitores e prepararam um folder para distribuir aos visitantes.

A equipe do Núcleo responsabilizou-se por desenvolver diferentes atividades para incentivar a apreensão e compreensão dos conceitos apresentados nas exposições permanentes e temporárias do Museu para complementar as monitorias.

Atendimentos

Em março de 2007 o cadastro do Serviço Educativo do MCB contava com cerca de 3.878 instituições, entre escolas públicas e particulares, faculdades de arquitetura e design, cursos técnicos de design e marcenaria, organizações não-governamentais e entidades de classes. Elas recebem boletins periódicos convidando para as visitas. Ano a ano, foram atendidos pelo Serviço Educativo a partir de agendamento:



Avaliação

Há um serviço contínuo de avaliação da visita monitorada. Ao término da visita, os responsáveis pelo grupo recebem uma ficha de avaliação para registrarem suas impressões e fazerem comentários e sugestões. Semanalmente as fichas são lidas e tabuladas e seus resultados são discutidos em reuniões internas.

Em 2004 a tabulação das fichas de respostas dos educadores demonstrou uma avaliação da visita com 87% ótima e 13% boa; em 2005, o resultado foi 97% ótima e 3% razoável; em 2006, 97% ótima, 2% razoável e 1% ruim.

Além disso, todos os comentários e sugestões registrados pelo público no caderno localizado na entrada do Museu são lidos, selecionados pela monitoria e encaminhados para as áreas interessadas. Desta forma busca-se garantir a comunicação entre o público e o Museu. Se necessário, a pessoa é contatada, por escrito ou

por telefone, com o agradecimento das críticas e observações registradas e, se for o caso, informações sobre o procedimento que foi adotado pelo Museu para sanar o problema apontado.

Públicos com necessidades especiais

Grande atenção vem sendo dada desde o início para o bom recebimento dos portadores de deficiências. Em 2006, o MCB integrou o projeto PEPE, de Acessibilidade de Públicos Especiais, realizado pela Secretaria de Estado da Cultura em parceria com a Pinacoteca do Estado, sob coordenação da educadora Amanda Tojal. O objetivo é elaborar um serviço educativo voltado especialmente para pessoas com diferentes necessidades especiais, como caixas sensoriais, legendas e catálogos em braile, vídeo sobre o Museu com legenda etc., e, principalmente, a preparação adequada de monitores e funcionários ligados ao atendimento para a recepção desse público.

O Museu mantém um serviço de ônibus gratuitos para instituições públicas



Cursos de formação de educadores

Um dos objetivos do Serviço educativo é transformar o MCB em local de produção de memória, de cultura e de ensino. Sempre que possível, a instituição promoveu cursos para educadores, de maneira a permitir que os conteúdos das exposições fossem melhor trabalhados por eles com seus alunos antes, durante e depois da visita. Alguns cursos realizados:

O móvel da casa brasileira – Em 2004, estabeleceu-se uma parceria com a Diretoria de Ensino – região Sul 1 da Secretaria de Estado da Educação com o objetivo de capacitar professores para trabalhar com seus alunos as questões de história do cotidiano e cultura material suscitadas pelo acervo. A partir de um projeto encaminhado ao MCB pelo professor Pedro Arcas, foi delineado um curso direcionado para professores de ensino médio da área de ciências humanas, preferencialmente História e Sociologia, da Secretaria de Estado da Educação. Essa ação teve o apoio do Serviço Educativo do Museu Paulista, onde também foram realizadas aulas para os professores.

Design Popular da Bahia – O curso foi ministrado por Isabel Gouvêa, curadora da exposição que mostrou a inventividade popular na construção de objetos de uso cotidiano. Isabel integra a ONG Cipó-Comunicação Interativa, organização que trabalha com a inclusão social através da arte e com o reconhecimento da

identidade cultural local como motor de autovalorização, que também são objetivos do MCB. O curso foi realizado em 2004, com a participação de 50 pessoas, a maior parte educadores de organizações não-governamentais. Eles receberam um vídeo, apostilas e material gráfico para facilitar seu trabalho posterior em sala de aula com o tema do design popular.

História do mobiliário – Uma ação educativa com 220 professores foi realizada em 2004. Eles assistiram a uma palestra sobre a história do mobiliário e arquitetura brasileira abordando o acervo do Museu da Casa Brasileira e fizeram visitas monitoradas ao acervo permanente e às exposições temporárias. O evento foi realizado a partir de solicitação do Programa Especial de Formação Inicial em Serviço Nível Médio para Auxiliares de Desenvolvimento Infantil – ADI Magistério, ligado à Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.

Equipamentos da Casa Brasileira – Para que as informações do arquivo dos Equipamentos da Casa Brasileira – Usos e Costumes (*ver capítulo Acervo*) fossem largamente exploradas em escolas de primeiro e segundo graus, foi preparado um curso de capacitação que teve a participação de cerca de 800 professores da rede pública do Estado de São Paulo, das disciplinas de História, Geografia, Artes e Língua Portuguesa. O curso foi ministrado em 2005, por meio de uma parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Seu objetivo foi possibilitar o contato inicial com o material e familiarizar

o professor com a pesquisa em fontes primárias e com os temas trabalhados na historiografia brasileira, assim como possibilitar a professores de ensino médio e fundamental utilizar em sala de aula o CD-ROM Equipamentos da Casa Brasileira – Usos e Costumes.

Santos Dumont Designer - Sob a coordenação da arte-educadora Vera Barros, o curso de capacitação atendeu 92 professores da rede pública, que receberam a publicação de uma apostila especial para o desenvolvimento de atividades junto a seus alunos, de compreensão do que é design, com base na ação de Santos Dumont. Foi criado um website especialmente para esta mostra (www.santosdumontdesigner.com.br) com textos sobre sua concepção e montagem, linha do tempo, visita virtual e a publicação do material didático distribuído para os professores do curso de capacitação e seus alunos, disponível para download e impressão gratuita. O link para esse site também está disponível no site do MCB. A exposição Santos Dumont Designer teve uma equipe extra de oito monitores. Parceria com a empresa Elo 3.



Estudante na mostra Clássicos de Rietveld

Palestras, cursos e debates

O MCB também vem promovendo palestras, mesas-redondas e cursos abertos ao público em geral, com o intuito de propiciar a reflexão, o debate e a troca de idéias nas áreas de arquitetura e design.

A pretensão foi realizar ao menos uma mesa-redonda, palestra ou debate por exposição. Os assuntos abordados foram, entre outros:

- A lição da Embraer para o design brasileiro
- A evolução técnico-artística de Burle Marx
- A fotografia de arquitetura no Brasil
- O jovem empreendedorismo em design
- Design e inovação
- Design e marketing
- Como o brasileiro quer morar
- A história do móvel no Brasil
- Design de iluminação
- Arquitetura sustentável
- Revitalização do centro de São Paulo
- O cartaz como meio de expressão cultural
- O design em marketing na Itália

Entre os cursos, os destaques foram:

- História da casa brasileira, em 2005, série de seis aulas com um panorama histórico da evolução da casa brasileira desde o período bandeirista, tendo como professor Carlos Lemos, um dos maiores historiadores de arquitetura do país;
- História do móvel no Brasil, em 2004, com a apresentação de quatro momentos-chave do móvel no país, ministrados por autores de dis-

sertações de mestrado sobre seus respectivos temas: “Móveis Cimo”, por Angélica Santi; “Unilabor”, por Mauro Claro; “Móveis Artísticos Z”, por Alexandre Penedo; e “Studio de Arte Palma”, por Aline Coelho.

• Os estilos modernos, em 2005, série de cinco aulas sobre a evolução dos estilos da decoração ao longo do século 20, paralelamente à evolução da tecnologia, da arte e do design, pelo curador e jornalista João Pedrosa.

Entre as oficinas e workshops, destacam-se “Marchetaria”, em 2003, com Danilo Blanco, e “Colheres de bambu”, em 2005, com Álvaro Abreu.

As atividades de reflexão foram realizadas em três lugares distintos do Museu: terraço (público entre 100 e 300 pessoas), hall (até 100 pessoas) e pequeno auditório (até 45). Todos eles são improvisados e necessitam de investimentos para que se tornem realmente adequados à realização de atividades didáticas. O pequeno auditório resulta de reforma da sala de reuniões, realizada em 2003, com projeto gentilmente cedido pela arquiteta Diana Malzoni e obra realizada com recursos da AAMCB. O espaço ainda carece de ar condicionado, imprescindível nos meses quentes, e de mobiliário adequado. Já o terraço não tem condições técnicas adequadas e sofre muito com os ruídos externos, mas ao menos é capaz de abrigar um maior número de participantes. Em 2005, com recursos da AAMCB, foram adquiridos um laptop e um aparelho de datashow, para serem usados nessas ocasiões.



Guia de arquitetura: visita à Pinacoteca comandada por Ruth Verde Zein na Semana Paulo Mendes da Rocha

A homenagem ao arquiteto Paulo Mendes da Rocha entre os dias 20 e 24 de junho de 2006, que acabava de ser laureado com o Prêmio Pritzker de Arquitetura, foi ocasião para a implementação de um projeto há muito acalentado: a realização de tours de arquitetura na cidade de São Paulo. Foram 10 mini-palestras dadas por críticos e professores de arquitetura em micro-ônibus circulando por três diferentes roteiros com as principais obras paulistanas do arquiteto.

Música no Museu

Embora fora da área-fim de um museu, a promoção de algumas programações paralelas, de forma sistemática ou esporádica, e o oferecimento de alguns serviços têm sido empregados nas instituições museológicas como uma forma de atrair público e tornar mais agradável a sua visita.

Desde 1997 o Museu da Casa Brasileira realizava espetáculos de música nas manhãs de domingo. Eram cerca de 10 a 20 espetáculos por ano, especialmente de música clássica. Os espetáculos eram realizados no hall do Museu, com capacidade para até 100 pessoas.

Em 2003 as apresentações passaram a ser realizadas no terraço, com o objetivo de abrigar um público maior e integrar espaço externo e interno do Museu, permitindo um usufruto maior do jardim de 6.600 metros quadrados do espaço.

A diversidade musical foi a tônica do programa, com curadoria do músico e historiador Carlinhos Antunes de 2003 a 2006 e de Roberto Sion no início de 2007. A música clássica e as apresentações camerísticas conviveram com ritmos como baião, choro, jazz, bossa nova e samba. Além do diálogo entre o erudito e o popular, privilegiaram-se as pontes entre tempos e culturas diferentes, sempre com um foco no aqui e agora: o Brasil, hoje, e suas multifacetadas influências e expressões. Outro objetivo da curadoria foi estimular formações musicais inusitadas,



Bailarina africana Fanta Konaté, da Troupe Djembedom

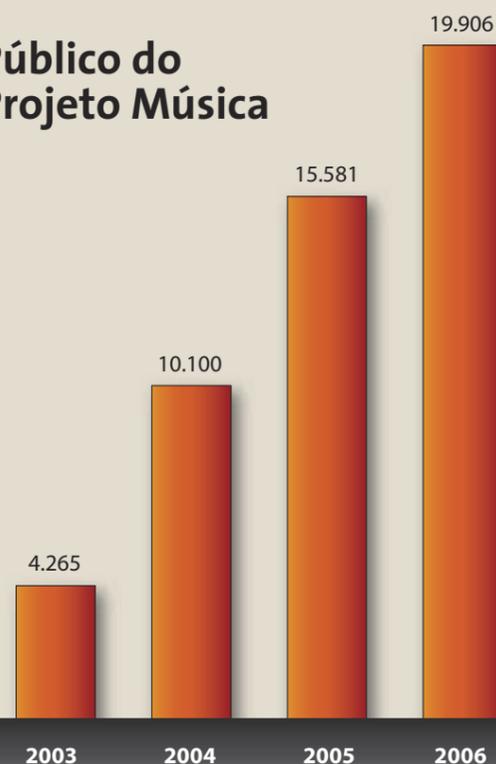
com grupos de diferentes procedências e abrir espaço para músicos novos e/ ou sem espaço para se apresentar.

Passaram pelo Museu a confluência Oriente-Occidente do grupo Mawaca, o som pungente da música árabe de Sami Bordokan, a mineiridade contemporânea de Toninho Horta, os sons nipo-brasileiros de Camilo Carrara e Danilo Tomic, a vibração de Laércio de Freitas e Proveta, a missa indígena Kewere de Marlui Miranda com a Camerata Atheneum, o trânsito entre o popular e o clássico de Nelson Ayres e músicos clássicos como o grupo Il Dolce Ballo; a flautista Celina Charlier, da orquestra de câmara da New York University; o saxofonista holandês Benjamin Herman; e o duo de pianos com Eva Gomide e Carlos Oliveira.

Na linha de celebração da diversidade cultural brasileira destacaram-se apresentações como a do espetáculo infantil “O Menino Tuhu - a infância e a música de Heitor Villa-Lobos”, desenvolvido pela Teca Oficina de Música; a do Sopro do Espírito Santo, que trouxe a congada do Vale do Paraíba; o espetáculo Romanço do Boi Bonito, com a participação do grupo Contadores de Estórias Miguilin, de Cordisburgo, MG; e a Orquestra Filarmônica de Violas, de Campinas, que acompanhou um dia todo dedicado à cultura caipira e ao saci. As orquestras atípicas, aliás, tiveram uma participação intensa na programação, destacando-se uma composta exclusivamente por bandolins e outra por contrabaixos.

Alguns espetáculos foram concebidos sob medida para o Museu. Por exemplo: o MCB promoveu o encontro entre o músico norte-americano Scott Anderson e o Projeto Guri, para uma apresentação em 2004, num espetáculo que mesclou matizes da música brasileira e da música americana, e trouxe crianças da favela Monte Azul para oficinas de músicas com Anderson. Saiu também da seqüência de apresentações do Música no Museu a idéia da Fundação Japão de juntar so-

Público do Projeto Música



As apresentações musicais integram terraço e jardim do Museu



noridades do Japão folclórico com instrumentos do Oriente Médio e percussão brasileira, que resultou no espetáculo Bonsai Romã: Ocidente e Oriente unidos pela arte, registrado pelo programa Grande Arte, da TV Cultura, num total de 71 minutos, em abril de 2005.

Os números do setor confirmam que o projeto Música no Museu cumpre seu objetivo de atrair público para o MCB. Alguns atraíram um número especialmente expressivo, como Mawaca (870 pessoas), Romanço do Boi Bonito (892) e Saci de todos os cantos (610), em 2004; Virginia Rosa (580), Trovadores Urbanos (565) e O menino Tuhu (715), em 2005; e Eudoxia de Barros (688), Camerata Vitta e Gilberto Matté (1.115), Traditional Jazz Band (1.280) e Orquestra de Bandolins de São Paulo (1.020), em 2006.

Além das já tradicionais apresentações aos domingos de manhã, outros horários foram explorados: a Traditional Jazz Band fez uma seqüência de espetáculos sobre a história do jazz às quintas-feiras à noite e outros grupos se apresentaram em algumas tardes de sábado, no ano de 2005. Em 2006, houve um espetáculo no sábado de manhã e três no período noturno, acompanhando aberturas de exposições temporárias. Esta experiência foi descontinuada e decidiu-se concentrar o Música no Museu às 11 horas da manhã dos domingos.

Serviços para visitantes

Restaurante

Outra “porta de entrada” importante para o MCB é o restaurante Quinta do Museu, inaugurado em 1999. Instalado num deck com vista para o jardim, oferece serviço à la carte com várias sugestões de pratos brasileiros, entre elas a moqueca capixaba, o barreado paranaense e o lombinho mineiro.

Inicialmente aberto das 12 às 17 horas, a partir de 2006 passou a ficar aberto no horário de funcionamento do Museu – das 10 às 18 h –, oferecendo continuamente um serviço de cafeteria, com itens para consumo mais rápido e leve, com um custo baixo. O café funciona excepcionalmente à noite quando o Museu realiza debates, concertos ou aberturas de exposições.

Livraria

A livraria Pró-livros foi aberta em 1999, por gestões da AAMCB na época de Carlos Bratke. Dirigida pelo ex-conselheiro Vicente Wissenbach, oferecia livros de arquitetura e design. Em 2005, durante as chuvas fortes, houve várias inundações devido a problemas nos telhados que ocasionaram perdas de estoque. Depois da reforma o locatário devolveu as instalações ao Museu. Outros interessados na loja-livraria não se dispuseram a realizar investimentos sem segurança de permanência no espaço, o que não podia ser assegurado pela AAMCB, já que seu contrato de gestão com a Secretaria de Cultura fora assinado para vigorar apenas um ano.



Instalações

Reserva técnica

O armazenamento das peças da coleção MCB fora de exposição no porão de forma precária, muitas vezes amontoadas umas sobre as outras, sem segurança e sofrendo com as grandes variações de umidade, preocupou a atual gestão desde o início. Com recursos obtidos através de edital junto à Fundação Vitae, em 2005 foi implantado um projeto de adaptação do porão para a instalação da reserva técnica, com o objetivo de criar condições adequadas para conservação das peças fora de exposição. O projeto compreendeu a instalação de estanteria especialmente produzida em aço, que permitiu um correto acondicionamento de maior número de peças que anteriormente; a instalação de tampos de vidro nos dois fossos que antes eram fechados, trazendo assim luz natural à área do subsolo do Museu; e a compra de dois desumidificadores e dois termoigrômetros, permitindo melhores condições de conservação das obras. Longe das vistas do público, esta ação foi extremamente importante para a melhoria da qualificação museológica do MCB. O projeto todo proporciona melhor conservação, controle, observação e estudo das peças pelos pesquisadores, embora ainda seja insuficiente para a guarda das peças.

Calçada

Toda a extensão da calçada, de 1.650 m², abrangendo a avenida Faria Lima e as ruas Escócia e Gumercindo Saraiva, recebeu novo piso. A opção de material recaiu sobre o concreto intertravado, por ter fácil manutenção, boa permeabilidade e permitir a circulação em boas condições das cadeiras de rodas. O projeto foi cedido pelos arquitetos Diana Malzoni e Márcio Mazza, da AA-MCB. O grupo Camargo Corrêa Cimentos/ Cauê Cimentos doou material e mão-de-obra.

Acessibilidade

Houve grande preocupação com a adaptação do prédio para o acesso de usuários de cadeiras de rodas, com a colocação de vasos sanitários para deficientes e a construção de rampas em todas as passagens. Dessa forma, o prédio está adaptado, com exceção do acesso para o piso superior – a caixa do elevador é muito pequena e há necessidade de grande obra estrutural para resolver o problema. Também não está resolvido o acesso das cadeiras de rodas ao jardim.

Descupinização

Toda a região do bairro paulistano dos Jardins se encontra já há vários anos bastante infestada por cupins, e a área do MCB não é exceção. Em setembro de 2004 foi realizado um serviço de descupinização em toda a área interna e externa do MCB. A empresa responsável pelo serviço alertou para o risco de cerca de 20 árvores caírem, por estarem infestadas de cupim. Entre janeiro e dezembro de 2004 a direção fez gestões para obter a devida autorização do Depave



A guarda de móveis, antes e depois da implantação da reserva técnica



(municipal) e do Condephaat (estadual) para a remoção e substituição das árvores. Finalmente, em dezembro, com a concordância dos dois órgãos quanto à necessidade de corte de sete árvores contaminadas, contratou-se o serviço de sua remoção e de poda em árvores restantes. Em setembro de 2006, por ocasião do início das providências para a renovação da cenografia da exposição do acervo do MCB, foram detectadas galerias de cupins (subterrâneo e de madeira seca) nos módulos expográficos, tacos e parte do assoalho de madeira. Embora ainda dentro da vigência da garantia do serviço anterior, que expirava justamente neste mês, galerias de cupins foram encontradas no parque arbóreo do jardim frontal e no perímetro da edificação. As medidas adotadas foram a remoção dos módulos e pisos afetados, a realização de um amplo trabalho de descupinização e a elaboração de um plano de ação constante de prevenção e manutenção do controle de pragas no Museu, o que colocará a instituição em situação de menor risco.

Reforma da ala do acervo

O Solar Prado passara por significativas adaptações para adequação a montagens expositivas nos anos 1990, na gestão Marlene Acayaba, quando toda a ala originalmente destinada aos dormitórios e banheiros sofreu demolição parcial das paredes divisórias para concentrar a exposição do acervo e foram criados diversos forros falsos de gesso, fechamentos com tapadeiras e nichos expositivos. Na atual gestão foi feita a demolição dos resíduos de paredes para criar uma sala contínua, permitindo assim um aumento do número de peças expostas da ordem de 70% em relação

à situação anterior, circulação mais desimpedida, melhor acomodação dos grupos de visitantes e maior fluidez e a legibilidade expositiva.

Os inúmeros desníveis da laje eram originalmente adequados aos usos de serviço da casa, como aquecedores, reservatórios, tubulações e instalações, mas esses equipamentos passaram a ficar inativos e se tornaram depositários de insetos e roedores. Além disso, por problemas de infiltração na cobertura, os vazios de gesso se tornaram foco de umidade e acúmulo de água, aumentando a dificuldade de manutenção da iluminação embutida. Este quadro foi agravado com o ataque de cupins. Para resolver esses problemas, a reforma incluiu a execução de nova estrutura metálica, eliminando os desníveis do forro e permitindo grande flexibilidade de instalações com previsão para novos sistemas. Tal estrutura foi calculada de maneira a permitir possível futuro aproveitamento do sótão como área de apoio para montagens expositivas e/ou trabalho administrativo. Houve respeito ao nível original do forro da ala dos quartos, resguardando aquelas áreas mais nobres de pé direito maior, com a preservação e restauro das abóbadas existentes.

Toda a área expositiva recebeu um novo piso monolítico adequado às condições necessárias a montagens e intensa circulação. O desenho do piso mostra o traçado original da planta dos banheiros e dormitórios através de diferenciação de textura nos locais onde originalmente estavam as paredes divisórias.

Essa ação, aliada à, manutenção do único banheiro que restou da reforma empreendida pela gestão anterior, e que representa a sofisticação da época, teve o objetivo de preservar o máximo possível a memória original do Solar Prado.

Telhados

No primeiro semestre de 2006, todas as telhas, calhas e ripas do telhado do MCB foram substituídas, em trabalho feito com recursos e sob supervisão da Secretaria de Estado da Cultura. A obra pôs fim às goteiras e em algumas áreas inundações que ocorriam durante as chuvas.

Reforma de muro

Uma parte do muro da rua Escócia, numa extensão de 75 metros, ameaçava cair por causa de árvores que haviam crescido apoiando-se sobre ele. Decidiu-se substituir a alvenaria por grade de ferro, para permitir a visão do jardim do MCB pelos transeuntes.

Sinalização

A extraordinária localização do MCB, na avenida Faria Lima, com alta circulação de pessoas, ensejou a elaboração de banners de comunicação de sua programação. Estrutura metálica foi instalada na Faria Lima em 2005, quando também foi implantado projeto de sinalização interna do prédio. Banners específicos das exposições temporárias ou outras atividades sempre que possível são elaborados para afixar no prédio.

Melhorias no jardim

O jardim do MCB tem uma área de 6.600 m², com amplo gramado central e cerca de 430 árvores de 80 espécies. A intenção da atual gestão foi melhorar a área, sem descaracterizá-la, com o objetivo de propiciar não só como agradável “paisagem de fundo”, mas também seu uso como local de exposições e de convivência dos visitantes.

Uma grande obra de drenagem no gramado em frente ao terraço foi realizada no final de 2005 para solucionar os alagamentos que ocorriam nas chuvas intensas. Valas subterrâneas foram abertas, preenchidas com britas, interconectadas com dutos perfurados e recobertas com manta de “bidim”. Após essa e outras ações de infraestrutura, foi elaborada uma praça de pedriscos sobre piso compactado, em área próxima ao restaurante, para apresentações de mostras ao ar livre. O jardim recebeu um projeto de iluminação, dezenas de bancos, lixeiras, algumas esculturas e complemento de vegetação.

Essa ação teve vários apoios, entre eles da Associação Nacional de Paisagismo (ANP), da Fundação Crespi Prado e da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas (Abap).

Estacionamento

Uma das decorrências do aumento da visitação nos últimos anos foi a superlotação do pátio, que ocasionou vários problemas ao público – tanto de demora para esperar uma vaga para estacionar quanto de segurança dos transeuntes nos momentos em que os motoristas estão manobrando seus carros.

Por isso um serviço pago de manobristas foi contratado em 2006. Os manobristas passaram a levar os veículos dos visitantes ao estacionamento mais próximo, e a permanência no pátio ficou assegurada apenas aos carros de portadores de deficiências e aos veículos coletivos - ônibus e vans com escolares e grupos com visita agendada.

Os pedriscos delimitam a área de exposições no jardim



Comunicação

Comunicação digital

Sem recursos para regularmente imprimir e postar convites para suas atividades, privilegiou-se a comunicação digital. No segundo semestre de 2003 iniciou-se a expedição de informes eletrônicos, convidando o público para as exposições, palestras, debates, espetáculos de música etc. Foram cerca de 15 boletins em 2003, 45 em 2004, 50 em 2005 e 30 em 2006. O mailing pulou de cerca de 3.000 endereços de e-mail em 2003 para 7.815 em março de 2007.

Site

A partir do segundo semestre de 2003, o site passou a ter uma atualização no mínimo mensal. Em 2005, com recursos do programa Petrobras Cultural, obtidos por meio de edital, o site passou por um redesign, que teve como guias norteadores os atributos apontados pelo escritor Ítalo Calvino em seu livro “Seis propostas para o próximo milênio” - leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Grande atenção foi dada à clareza de navegação: o caminho feito pelo usuário é

sempre indicado pelos menus, os botões são claramente identificados, o logo do Museu volta para a home, o posicionamento dos itens obedece aos padrões normalmente utilizados pelos websites e a navegação é consistente por todo o site.

Uma preocupação foi facilitar a acessibilidade para deficientes visuais, dentro de parâmetros de construção orientados pelo Instituto Benjamim Constant, do Rio de Janeiro (em linhas gerais, são utilizados softwares que “lêem” a tela, através de um sintetizador de voz. Dependendo de como o site é construído, esta leitura torna-se mais fácil ou difícil de compreender, e portanto, o novo web site do MCB é bastante amigável a essa linguagem.

Foi implantada ainda uma ferramenta que permite ter um controle estatístico de acessos. O novo design estreou em setembro de 2005, registrando 53.170 acessos naqueles últimos quatro meses do ano e 148.257 visitas em 2006. Os ápices de acesso ocorrem nos períodos de abertura de inscrições e divulgação dos resultados do Prêmio Design.

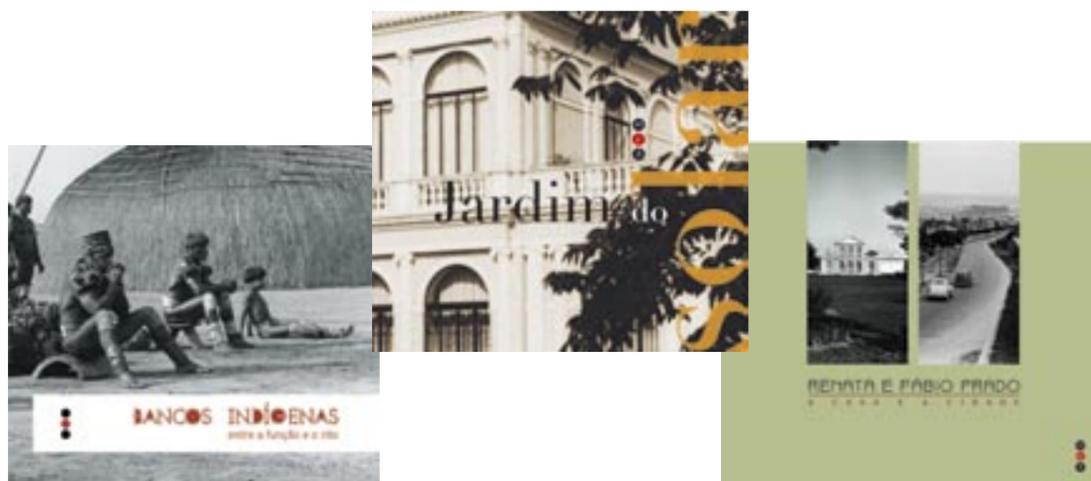
A partir de 2006, além de alimentá-lo com um conteúdo de qualidade sobre as exposições, cursos e palestras da programação, passou-se a disponibilizar integralmente textos dos curadores das exposições e um grande número de imagens das obras e das próprias montagens. A equipe acredita que a partir dessa orientação o site se tornou não só um local para o público se inteirar de suas atividades e se comunicar com o Museu, mas também um espaço de pesquisa para estudantes e professores em virtude do conteúdo que tem sido inserido, uma maneira encontrada para democratizar o acesso ao trabalho do MCB.

Catálogos e folders

O material impresso de divulgação das exposições ficou bastante prejudicado nos primeiros anos de gestão. Várias exposições foram realizadas sem a impressão de convites. Folders específicos foram publicados apenas por ocasião das edições 2003, 2004 e 2005 do Prêmio Design. O primeiro catálogo – peça gráfica de suma im-

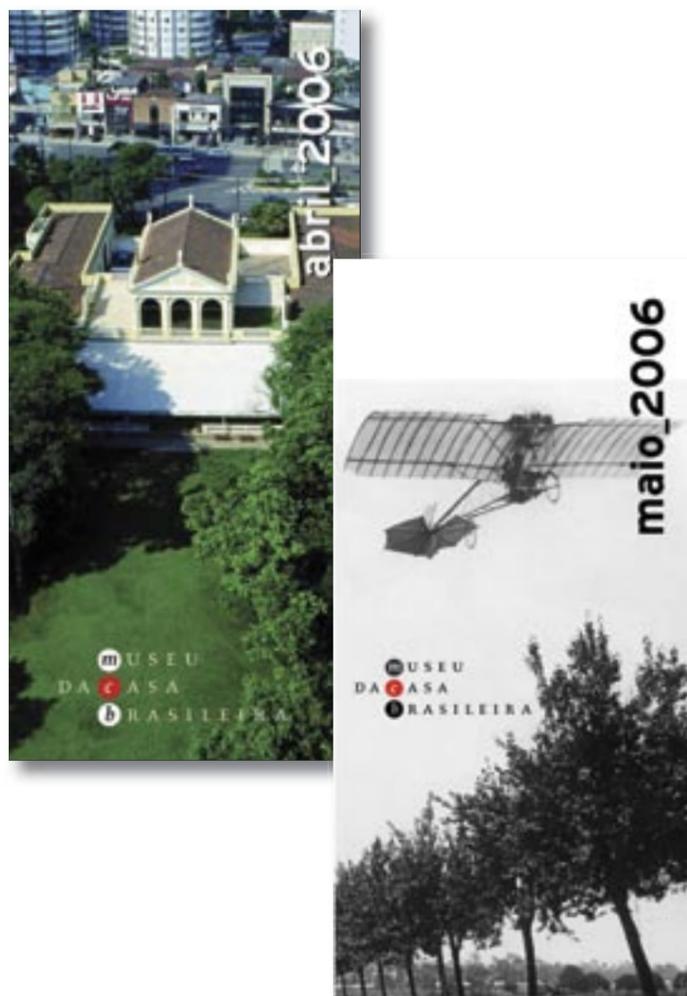
portância não só para o registro e memória do evento, como também para a multiplicação de seu alcance – só foi publicado por ocasião da mostra Pios da Mata, em 2004, com recursos da Secretaria de Cultura do Espírito Santo e do Sebrae ES. Catálogos de exposições só passaram a ser impressos regularmente em 2006, com recursos do Plano Anual de Exposições. Adotou-se o uso de papel couché, impressão em 4 cores e um formato padrão (20x22cm). Foram publicados catálogos das mostras Bancos Indígenas, Jardim do Solar, Renata e Fabio Prado – A casa e a cidade, Casas do Brasil, Desenho anônimo – Legado da imigração no sul do Brasil e Coleção Museu da Casa Brasileira, com número de páginas variando de 40 a 144 e tiragem de 1.000 a 3.000 exemplares. A exposição Santos Dumont Designer teve catálogo em formato maior (21cm x 29,5cm) e 51 páginas, além de cartilha para professores atendidos pelo Serviço Educativo.

Alguns catálogos publicados pelo MCB



Folder de programação

Folders com a programação mensal foram publicados desde fevereiro de 2004, ininterruptamente, com tiragem entre 2.500 e 10.000 exemplares. Além da distribuição nos balcões do MCB e circulação eventual em escolas ou eventos ligados a design e arquitetura, a partir de 2006 começou a haver a remessa eventual do folder por correio para o mailing composto de 5.800 nomes.



Produtos MCB

Em 2004 houve o lançamento da Coleção MCB, com 14 produtos e design desenvolvido por equipe de designers da Tok&Stok, em estreita colaboração com a AAMCB. Lápis, pastas, caixas, aventais, jogos americanos e xícaras, entre outros, integraram a coleção, que teve o objetivo de comunicação institucional do MCB.

Cartazes

Foram impressos de 1.000 a 3.000 cartazes com a imagem do trabalho vencedor nos concursos de Identidade Visual do Prêmio Design nas edições de 2004, 2005 e 2006, que foram enviados pelo correio para faculdades, instituições e escritórios de design em todo o país e eventualmente distribuídos na recepção do Museu em eventos especiais. A exposição Se esta rua fosse minha, sobre ladrilhos hidráulicos, teve cartaz graças a apoios gráficos obtidos pela agência de publicidade Leo Burnett. A peça foi distribuída nas redondezas do Museu e em faculdades de arquitetura. Outra exposição com cartaz foi Design popular da Bahia, este como parte de um amplo material didático distribuído exclusivamente para professores que compareceram a curso de capacitação desenvolvido no Museu.

Recursos

O Museu da Casa Brasileira nunca foi uma unidade ordenadora de despesas dentro do serviço público, não possuindo, portanto, orçamento próprio. Seu vínculo se estabeleceu desde o início com o Departamento de Museus e Arquivos (DEMA) da Secretaria de Estado de Cultura.

Em 2003, a Secretaria se encarregava diretamente do pagamento de 14 funcionários; dos serviços terceirizados de segurança (2 vigilantes), portaria (2 porteiros) e limpeza (3 faxineiros); e do pagamento das contas da Eletropaulo, Sabesp, Telefônica e Embratel (excluindo as ligações interurbanas ou a celular).

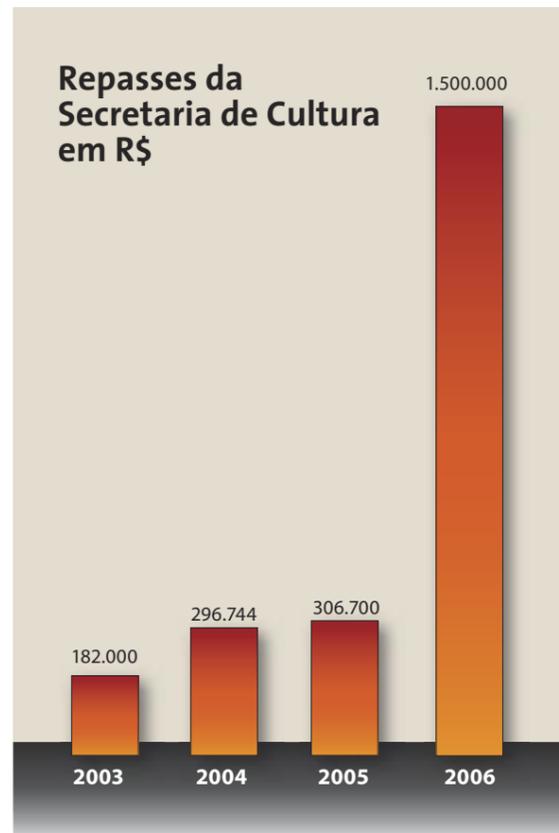
Fora desse escopo, os pedidos de recursos para a realização de atividades culturais e/ ou para obras de manutenção no prédio eram analisados caso a caso. Os repasses da Secretaria foram de R\$ 182.000 em 2003, R\$ 296.744 em 2004 e R\$ 306.700 em 2005.

Em abril de 2006, a Associação de Amigos do Museu da Casa Brasileira assinou contrato de gestão com a Secretaria da Cultura, passando a ser uma Organização Social de Cultura e a responsabilizar-se diretamente pela administração do Museu, cumprindo assim uma determinação que vinha sendo implementada nos equipamentos culturais do Estado desde 2004, pela então secretária da Cultura Cláudia Costin. Dessa forma, todos os custos do Museu passaram a ser arcados diretamente pela Associação. Em virtude desse contrato, em 2006 a Secretaria de Cultura efetuou um repasse total de R\$ 1,5 milhão para o Museu da

Casa Brasileira. (Na comparação dos repasses da Secretaria ano a ano, deve-se levar em conta que até a assinatura do contrato de gestão com a Associação de Amigos do MCB, a Secretaria se responsabilizava diretamente pelos serviços terceirizados de segurança, portaria e limpeza; pelas contas de água, energia e telefone; e pela folha de cerca de R\$ 15.000 mensais, sem encargos.

Em virtude de o montante destinado pelo Estado ser insuficiente, a atual gestão procurou patrocínios junto à iniciativa privada. Graças à generosidade de várias empresas e instituições que foram procuradas pela equipe do Museu (ver lista na pá-





gina 54), os patrocínios foram responsáveis pela entrada de R\$ 117.000 em 2003, R\$ 197.000 em 2004, R\$ 1.413.020 em 2005 e R\$ 1.048.870 em 2006 - um aumento, portanto, de cerca de 10 vezes no período: Esses valores não incluem bens ou serviços doados diretamente para determinadas atividades, tais como materiais para montagem de exposições ou pagamento de cachês de músicos. A maior parte dos patrocínios (88%) ocorreu com o incentivo da Lei Rouanet.

Outros recursos são obtidos com a contribuição do concessionário do restaurante, da livraria (no período de seu funcionamento) e do serviço pago de manobristas, que foi contratado em 2006. A cessão de espaço para eventos privados é outra forma de obtenção de recursos para as atividades culturais do Museu. Essa fonte de receitas existia

desde 1992, quando a Associação de Amigos do MCB foi criada. Vários critérios foram estabelecidos ou aperfeiçoados para a realização de eventos. Há uma série de restrições a serem observadas de maneira que não se prejudique o atendimento do público frequentador do Museu e não se coloque em risco o seu acervo e patrimônio. Como o Museu abre de terça a domingo, das 10 às 18 horas, os eventos podem ser feitos durante as segundas-feiras ou de terça a domingo das 19 às 23 horas. Só é possível locar a área do terraço e do restaurante para eventos corporativos, empresariais e institucionais, de pequeno e médio porte, mediante prévia aprovação. Não são aceitos eventos partidários nem relacionados a ações que possam ser consideradas prejudiciais aos cidadãos. Pessoas físicas, exceto casamentos, somente podem fazer evento na área do restaurante, também mediante prévia aprovação. Não pode haver confusão entre eventos privados e a programação cultural do Museu.

Recursos humanos

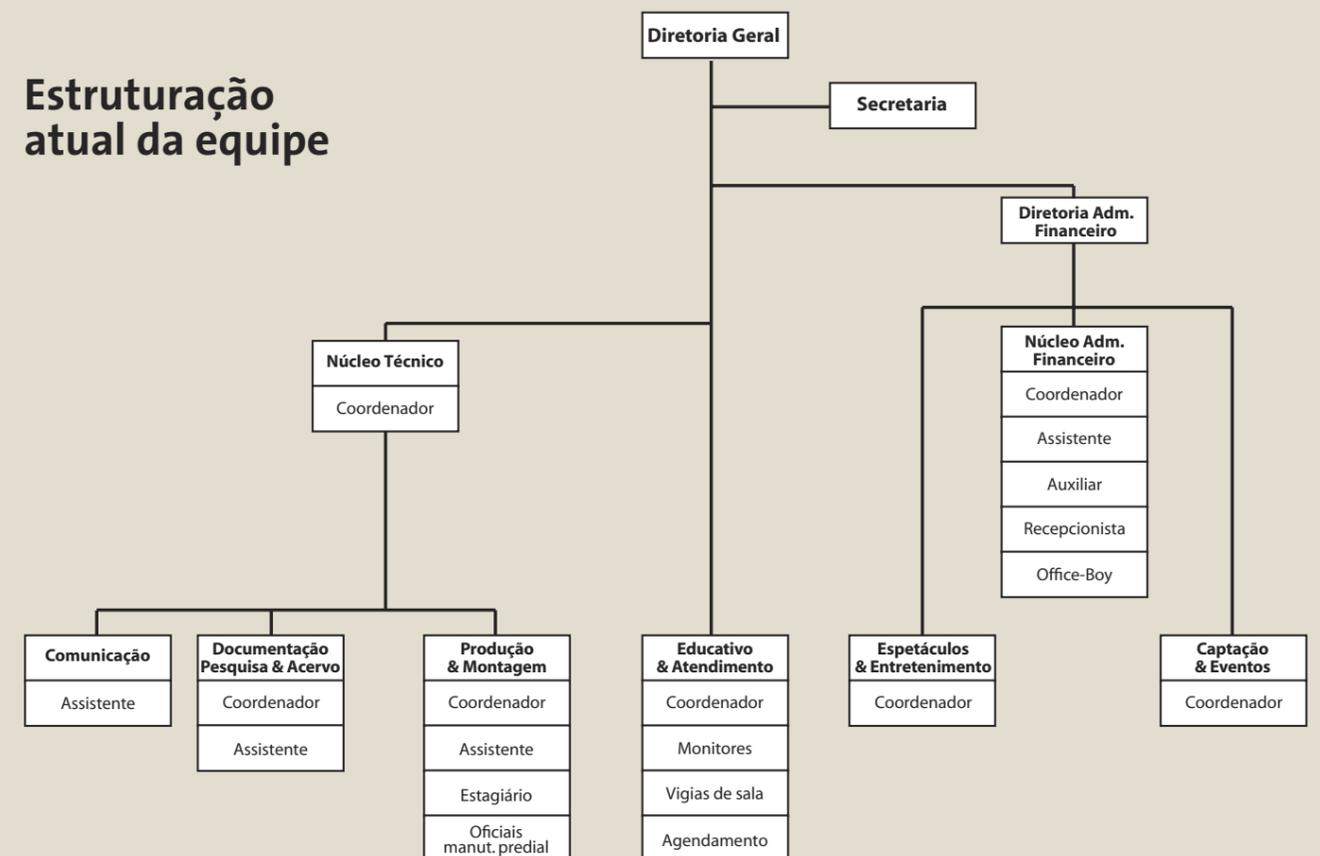
Em maio de 2003, a equipe constituía-se de quatro funcionários públicos e 10 credenciados pela Secretaria de Estado da Cultura, perfazendo uma folha de cerca de R\$ 15.000,00 de responsabilidade do Estado. A Associação de Amigos do MCB tinha três funcionários contratados por CLT pela AAMCB, com folha mensal de R\$ 4.000,00. Frente à insuficiência e baixa remuneração da equipe, ao longo do tempo a Associação passou a contratar prestadores fixos ou eventuais de serviços. Essa situação se alterou com a implantação do modelo de Organização Social (O.S.). A O.S. contratou uma consultoria externa de recursos humanos

para elaborar um organograma de funções e um plano de cargos e salários, em consonância com os outros museus do Estado. Pela primeira vez a equipe pôde se deter para analisar as respectivas funções e responsabilidades. Definiu-se um quadro de 22 funcionários, que passaram a ser todos contratados pela AAMCB pelo regime da CLT, com folha mensal de cerca de R\$ 45.000,00. Os salários estão aquém dos praticados pela iniciativa privada, mas são razoáveis em relação aos praticados pelo terceiro setor. Eventualmente há estagiários ou prestadores de serviço vinculados a projetos específicos, em geral incentivados pela Lei Rouanet ou com patrocinadores próprios.

Os serviços de segurança, portaria e limpeza continuam terceirizados. O quadro de funcionários de segurança e portaria se manteve (dois vigias e dois porteiros). Para limpeza o MCB passou a contar não mais com três, e sim com quatro faxineiros.

A Organização Social permitiu maior organização interna e mais agilidade na operação. O orçamento aprovado junto à Secretaria, embora insuficiente para as atividades do Museu, garante a regularidade dos repasses, propiciando uma previsão de fluxo de caixa e portanto o planejamento das atividades.

Estruturação atual da equipe



Repercussão

O feed-back recebido pelo MCB tem sido altamente estimulante. Além do aumento do público visitante do Museu, há várias formas de ouvir o que a sociedade pensa sobre o trabalho desenvolvido. Eis alguns destaques:

Imprensa

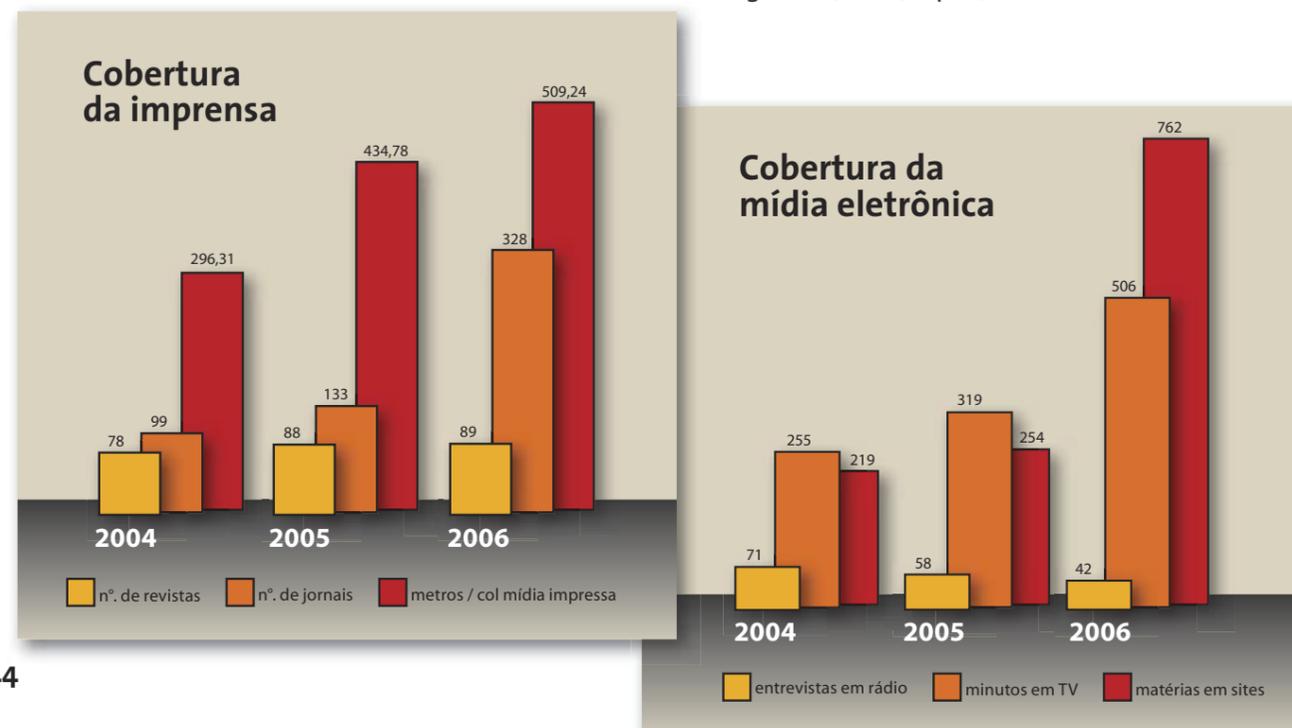
O MCB conquistou visibilidade na mídia, com uma presença constante e valorizada em jornais, revistas, televisão, rádio e internet.

A maior parte das notícias foi veiculada em jornais de grande circulação, como O Estado de S. Paulo e Folha de S. Paulo, e revistas de primeira linha como Veja São Paulo, Casa Claudia, Kaza, Viver Bem, Casa e Jardim, Casa Vogue, Projeto Design e Arc Design. Na televisão, tem presen-

ça constante no programa Metrópolis, da TV Cultura, em vários programas da TV Globo e da Globonews, e nas TVs Bandeirantes e Rede TV!.

Mas o destaque é a diversificação dos jornais, passando a atingir veículos fora do círculo tradicional da grande imprensa paulista e carioca. Além disso, cresceu também o espaço ocupado na mídia impressa (medido em metros/coluna). Alguns números atestam isso, como pode ser comprovado pelo quadro abaixo.

As atividades do Museu têm sido regularmente publicadas em revistas especializadas, sites e jornais de vários países, entre eles Argentina, Alemanha, Chile, Dinamarca, Estados Unidos, Inglaterra, Itália, Japão, México.

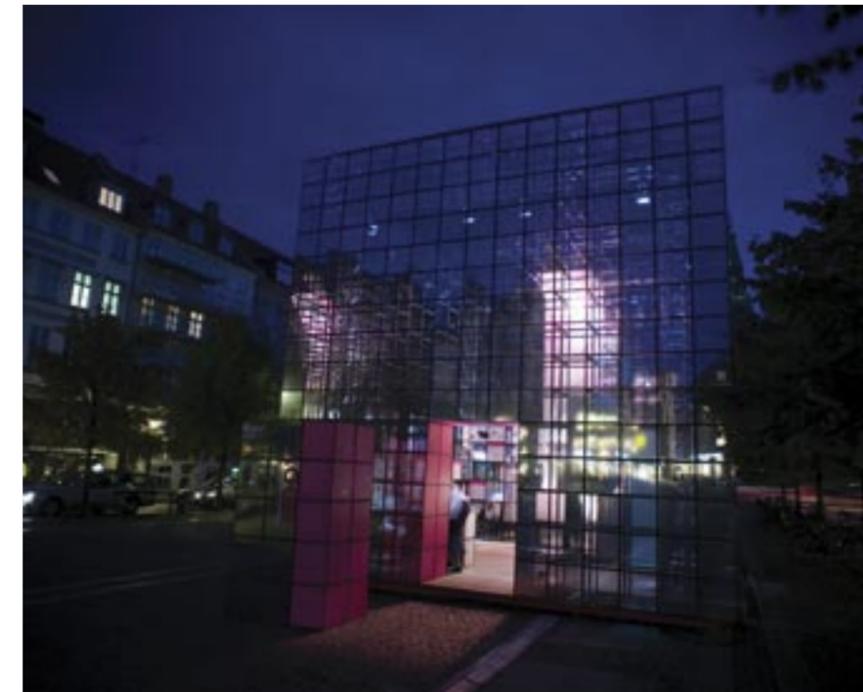


Pode-se destacar:

- A Revista Ottagono, de Milão, publica em 2004 quatro páginas sobre a exposição Design Popular da Bahia, assinada pelo famoso arquiteto Mario Botta.
- O site Táxi Design Network (www.designtaxi.com), de Singapura, publica entrevista sobre o MCB em 2006.
- O MCB é tema de nota publicada na revista Pen, de Tóquio, sobre a exposição Bancos indígenas – entre a função e o rito.
- A revista Art+Auction, de Nova York, publica matéria sobre a valorização do design brasileiro da primeira metade do Século 20.
- O jornal Pagina 12, de Buenos Aires, publica entrevista com Delia Berú, ex-presidente da Associação Amigos do MCB e membro do Conselho Diretor, em 2005; e dá extensa reportagem sobre o Prêmio Design em 2006.
- Equipe da rede de televisão norte-americana NBC, com sede em Washington, faz matéria com Ricardo Machado, da Obvio!, e o designer Anísio Campos, sobre o carro Obvio! 012, que integra a exposição do 20º Prêmio Design MCB.

Premiação internacional

Em 2005 o Museu da Casa Brasileira foi indicado para receber o Prêmio Index, da Dinamarca. Com o foco em “Design para Melhorar a Vida”, o Index é um evento mundial para design e inovação, realizado a cada quatro anos em Copenhague. As indicações são feitas por 180 entidades e profissionais internacionais de design de todo o



Exposição do Prêmio Index em Copenhagen

mundo. Um júri internacional escolhe 100 “top nominated” e, entre estes, são escolhidos os cinco vencedores.

O MCB foi o único museu mundial e o único participante brasileiro a participar dos 100 “top nominated”. A justificativa da indicação, feita pelo catalão Alex Blanch, é a seguinte:

- O programa de exposições temporárias do MCB privilegia a diversidade cultural do design – tanto o erudito quanto o popular – brasileiro, “uma questão-chave numa sociedade que normalmente olha para os Estados Unidos ou Europa para encontrar suas referências culturais”.
- O Setor Educativo do MCB “realiza a disseminação dos conceitos de design e de cultura material em harmonia com o ambiente natural” e “estimula e propaga o pensamento criativo”.

Opiniões sobre o MCB

Este Museu, nas mãos de Adélia Borges, transformou-se numa fluente fonte das emoções fundantes da cidade, a casa, a Casa Brasileira. A vida doméstica com suas "necessidades e desejos" é a matriz da arquitetura e do urbanismo, de tudo o que se pode chamar o desenho da cidade. Da casa de cada um, com seus trens, até a cidade – uma casa para todos – há um infundável discurso, a história do homem e seu planeta, um Museu em movimento...

Paulo Mendes da Rocha, arquiteto

Todas as ações de salvaguarda e comunicação desenvolvidas pelo Museu no período de 2003 a 2006 se articularam plenamente com os eixos da arquitetura e design, e se desenvolveram com o mais alto padrão de qualidade, transformando a instituição em um centro de referência nacional e internacional. Atuando plenamente em sua qualidade de instituição pública, e apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo desse período, o Museu da Casa Brasileira logrou se consolidar como um parceiro fundamental para as outras instituições museológicas da cidade de São Paulo, e como um espaço essencial para todos os interessados na preservação e na divulgação da arquitetura e do design no Brasil.

Marcelo Mattos Araújo, diretor da Pinacoteca do Estado

Como freqüentador do Museu da Casa Brasileira noto nos últimos anos evidente evolução da instituição. Isso pode ser observado nos cuidados com o prédio, as peças do acervo e o jardim. As exposições ganharam nova dinâmica, e mesmo com uma maior variedade de temas a qualidade é sempre mantida. O restaurante funciona muito bem. Igualmente, monitores preparados garantem um primoroso serviço educativo ao público. Espero que assim continue, melhorando sempre.

Fernão Bracher

Parabéns por conseguirem tirar do anonimato um espaço ao mesmo tempo privilegiado e marginalizado.

Roberto Santos, Sebrae-SP, 2004

O trabalho da Adélia Borges e da sua equipe é simplesmente brilhante. E tudo começa pelo conceito que ela própria nos ajudou a criar: Pode entrar que a casa é sua. Ou seja, no meio do cimento, do barulho dos carros e da poluição da Av. Faria Lima, existe uma casa linda com um jardim maravilhoso que abre suas portas para os moradores desta cidade. Um lugar que oferece exposições extremamente bem montadas, com um profundo sentido cultural. Uma casa que incentiva o debate, estimula o design e realiza programas educativos para escolas e associações. Um espaço com música, arte, bom gosto e competência que faria bonito em Barcelona, em Paris, em Londres ou qualquer outra cidade do mundo. Mas que, para felicidade nossa, se encontra aqui em São Paulo.

Ruy Lindenberg, Vice-Presidente de Criação da Leo Burnett

Trabalhei neste acervo há 22 anos. Estou absolutamente encantada. Fiquei admirada com a disposição das peças. Muito lindo mesmo.

Elizabeth de Siqueira, 2004

Nesses últimos anos, foi notável o desempenho do MCB numa questão crítica nas instituições museológicas nacionais: a formação e ampliação de público. Como freqüentador, senti enorme alegria ao ver acompanhar o gráfico ascendente de visitação. Como profissional, me sinto gratificado pelo Museu haver conseguido colocar o design na agenda cultural do país no mesmo nível que o conjunto das artes visuais, através de relevantes exposições, premiações e debates. E finalmente, como agente cultural, experimentei o que significa a construção democrática da agenda de uma instituição pública, com a abertura, por parte da sua direção, a sugestões da sociedade que enriquecem a programação do Museu e, em consequência, a vida da cidade.

Gustavo Fs Freiberg, ex-conselheiro municipal de cultura de São Paulo e membro da Câmara Setorial de Artes Visuais do Minc.

O Museu da Casa Brasileira tornou-se um espaço de referência. Parabéns pelo trabalho que vocês têm desenvolvido.

Camilo Carrara, músico, 2004

Sob a criteriosa e dedicada orientação de Adélia Borges o Museu da Casa Brasileira avançou decisivamente em sua missão de apresentar e discutir aspectos relevantes da cultura material relacionada com a vida contemporânea. Tomando como base o universo definido pelo verbo "habitar", a instituição, dentro de seus limites orçamentários sabidamente estritos, vem expandindo e iluminando os aspectos mais sutis que constitutivos desse universo, alguns deles esquecidos quando não amplamente ignorados. As exposições, assim como a programação matizada em debates, visitas guiadas e publicações, são potencializadas em razão de seu alinhamento com um escopo curatorial claro e consistente. Não creio que se possa esperar mais do Museu da Casa Brasileira, salvo que ele continue adensando suas experiências.

Agnaldo Farias, curador e crítico

Um pequeno museu disputa a atenção do público. É um museu em miniatura, que não grita nem repete, mas sussurra apenas o essencial. Entra-se dando as costas ao frenesi da cidade. Visita-se num fôlego, mas sem pressa porque, pelo tamanho, não induz àquela ânsia de correr para ver tudo. Respira-se, depois, no jardim. Eis o nome: Museu da Casa Brasileira.

Vincenzo Scarpellini, designer, em texto na Folha de S. Paulo, 2006

Desenho de Vincenzo Scarpellini, 2006

Sou vizinho do MCB e, na gestão Montoro, ofereci meu trabalho voluntário para a instituição, ocasião em que criei o Prêmio de Design. Freqüento o Museu, até pela proximidade. Sou testemunha, portanto, da maneira correta e dedicada com que a diretoria e os funcionários do MCB conduzem a vida da instituição. Exposições, eventos, encontros, têm sido programados e levados adiante com talento e elegância. O museu, por ser da Casa Brasileira, tem uma responsabilidade temática que extrapola seu mero espaço de exibição; ele possui uma influência moral muito grande. Sob a direção da Adélia Borges, tem cumprido seu importante papel na cultura de nosso país.

Roberto Duailibi, publicitário, diretor do MCB de 1985 a 1988

É maravilhoso ver os frutos que a exposição no MCB me deu. O Museu está vivo como nunca esteve sob a atual gestão.

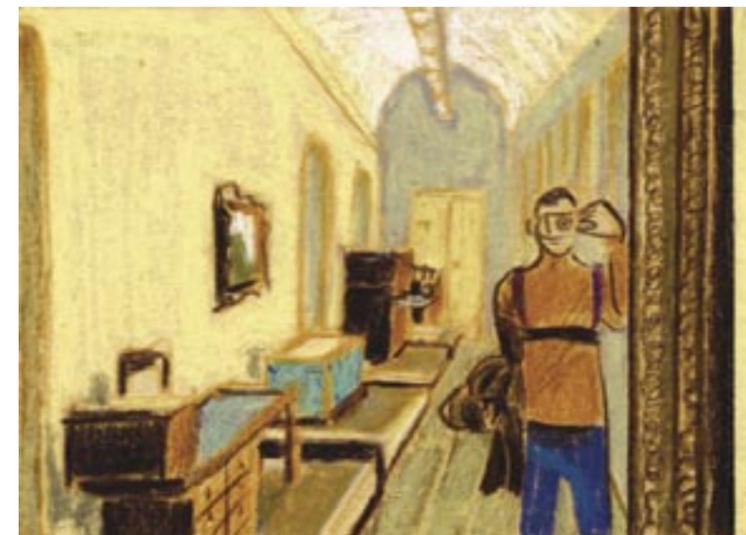
Jacqueline Terpins, designer, 2004

Incluí, com prazer, o Museu da Casa Brasileira no roteiro que gosto de fazer em São Paulo. Quando o visito, sempre me surpreendo com a sua transformação num local agradável, mais respeitável, atualizado, esbanjando competência e qualidade em todas as ações empreendidas.

Paulo Portela Filho, coordenador do Serviço Educativo do Masp

Design, arquitetura, artesanato, cultura são a matéria-prima do Museu da Casa Brasileira, que tem mostrado o que empenho, critério e uma boa administração são capazes de fazer. Olhando-se em retrospectiva a história e as atividades do museu, desde sua criação, constata-se o óbvio: essa instituição está no caminho certo, e sua diretora, Adélia Borges, merece nosso agradecimento.

Maria Helena Estrada, jornalista, em texto na revista Arc Design, 2007



Não tenho mais que palavras de admiração, carinho e agradecimento para aqueles que, em países tão relegados e pobres como Argentina e Brasil, dediquem sua vida a valorizar e resgatar nossa cultura, que é em definitivo nosso maior tesouro e acervo. É isso o que faz a equipe do Museu da Casa Brasileira. E é por isso que as atividades do Museu, suas maravilhosas exposições, debates e prêmios passaram a ser matéria constante no *Página 12* e referência de qualidade para os designers latino-americanos.

**Lujan Cambariere, do jornal
Página 12, de Buenos Aires**

Quero parabenizá-los pelo prazer que nos proporcionam todos os domingos musicais com sua programação de qualidade que nos deixa com mais entusiasmo de encarar a segunda-feira. Muito obrigada por nos proporcionarem este deleite musical num lugar belíssimo.

Nancy Rigatto Mello, 2005

O Museu da Casa Brasileira é hoje o mais importante espaço cultural dedicado ao design no Brasil. A incontável afirmação de que o design é importante instrumento para o desenvolvimento da nossa economia muito se deve ao trabalho da equipe do Museu, liderada por Adélia Borges, cujo trabalho único e pioneiro na divulgação e fortalecimento do nosso design transformou o MCB na sua mais importante referência.

**Túlio Mariante, diretor
da Novo Desenho, Rio de Janeiro**

Esta casa tem sido a minha portada todos os domingos pela manhã nestes agradáveis encontros musicais onde se misturam a música com a bela paisagem ensolarada do parque, juntamente com as exposições. Enfim o domingo com o MCB é mais rico e já se tornou uma marca de São Paulo.

Dulce Soares, 2004

Aqui no Museu da Casa Brasileira sempre se trabalhou muito, mas nada comparado a esses últimos quatro anos, em que se retomou o serviço educativo, a equipe cresceu e houve incremento de qualidade nas condições de trabalho. A maioria dos funcionários passou a ter seu próprio computador, o que não é rotina nos espaços públicos. Nosso envolvimento com a programação ficou maior, pois passamos a produzir várias exposições em vez de apenas hospedar mostras pré-formatadas. E o Prêmio Design, totalmente produzido pela casa, de dentro para fora, ganhou fortalecimento nacional.

**Julieta Pereira,
funcionária do MCB há 19 anos.**

Instituições, museus, centros de cultura ou qualquer outra forma de divulgação e promoção cultural não são apenas edificações arquitetônicas luxuosas, concebidas por arquitetos famosos ou pequenos espaços, geralmente carentes de infraestrutura e vivendo penosamente com os escassos recursos destinados pelos órgãos governamentais. As instituições, museus, centros de cultura refletem a alma das pessoas que dirigem, que superaram obstáculos, que acreditam nos seus ideais... e isto ficou evidente nestes quatro anos de gestão.

**Auresnede Pires Stephan (Eddy),
professor na Faap, Faculdade Santa
Marcelina e Belas Artes de São Paulo**

O Museu está acolhedor, organizado e disciplinado.

**Daisy de Lacerda Abreu
e Ediva L. Barbosa, 2005**

Tive a sorte de conhecer o Museu da Casa Brasileira desde os seus primórdios. Pelas mãos do saudoso Ernani da Silva Bruno foi criada uma instituição que vem se dedicando a inventariar, dispor e incentivar uma parte expressiva de nossa cultura: os artefatos que compõem nosso cotidiano, a criatividade de desenho e materiais de que são feitos. Numa extensão desse primeiro compromisso, foi criado o Prêmio Design, fortalecendo esse veio inicial. Em seus diversos momentos o MCB foi se consolidando. No período mais recente vimos o aprofundamento e refinamento de sua função museológica básica, acrescida de uma enorme vivacidade, enquanto espaço cultural. O MCB passou a atrair públicos numerosos, para uma programação plural e original. Sua nova feição administrativa, espaço gerenciado por organização social, deu-lhe a flexibilidade necessária a essas novas conquistas. E ele se tornou inegavelmente o espaço de diálogo e referência sobre uma das mais ricas contribuições brasileiras à arte contemporânea.

**Evelyn Levy,
administradora pública**

Ter sido premiado pelo MCB foi muito importante para mim. Eu já tinha participado de outros concursos, mas em geral eles têm alcance muito restrito e pulverizado. O Prêmio Design MCB é indiscutivelmente o que tem maior repercussão nacional.

Anísio Campos, designer, 2004

Freqüente há muitos anos o Museu da Casa Brasileira. Assim pude testemunhar o enorme avanço que esta instituição cultural teve nos últimos anos. Tornou-se um espaço vivo, integrado ao circuito cultural da cidade, em particular no que se refere às questões de arquitetura, design e espaço urbano. Essa enorme transformação é ainda mais importante quando sabemos das imensas dificuldades de ordem administrativa e financeira que todas as instituições culturais do Estado sofrem há mais de uma década. A equipe vem conseguindo desde 2003 um resultado surpreendente, que é um exemplo para outros museus da cidade.

**Nabil Bonduki, professor da
FAU-USP e ex-vereador de São Paulo**

Incrível! Como pode um lugar tão maravilhoso, conservado e inspirador no meio da Faria Lima, numa cidade como esta? Fiquei feliz de ver!

Ilana Berenstein, 2003

A movimentação de qualidade que os eventos desta Casa têm feito por São Paulo e pela cultura dão o maior prazer e fazem-nos sentir honrados de ser convidados.

Karina Achôa, 2004

Como estudante de arquitetura vim à Casa para pesquisar um pouco sobre a Casa Brasileira. Encontrei muito mais do que eu esperava... o acervo é impressionante, cada detalhe registrado.

Elisa Macedo, Porto Alegre, 2006

O Museu da Casa Brasileira nos últimos quatro anos inseriu-se definitivamente no panorama cultural da cidade de São Paulo pela excelência e variedade de sua programação. As múltiplas exposições, os constantes lançamentos de livros e os concertos dominicais atraem um público heterogêneo, atingindo as várias faixas etárias. Fazendo jus a seu nome, a "casa brasileira" tem sido objeto constante de diversas exposições, mostrando desde a casa popular autêntica, em sua simplicidade, retratada por fotógrafos famosos, até recentemente, a casa erudita, exemplificada pela exposição das plantas e do modo de morar de Fabio e Renata Crespi da Silva Prado, doadores da mansão ao governo de São Paulo. Na atual gestão, pela primeira vez o casal foi homenageado com uma exposição, "Renata e Fábio Prado, a Casa e a Cidade", e a Fundação Crespi Prado, que ocupa espaço no andar superior, tem sido prestigiada pela direção do Museu.

**Maria Ruth Amaral de Sampaio,
ex-diretora da FAU-USP, e diretora
da Fundação Crespi Prado.**

Quero aproveitar a oportunidade oferecida pela visita à interessantíssima exposição de Carlos Motta para dar os mais sinceros parabéns à diretoria atual do Museu. Graças ao seu dinamismo e profissionalismo ele está ressurgindo de um longo período escuro; e isso é uma enorme satisfação para todos os que atuam na área do design.

Annie Graz, 2004



Revista Ottagono, Itália, 2004



Desenho de Paulo Von Poser em oficina realizada por ele no MCB

Em minhas idas a São Paulo, sempre me chamou atenção uma casa neoclássica, ao fundo da Faria Lima. Sempre tive vontade de conhecê-la por dentro. Sou de uma curiosidade voraz quando o assunto é museu ou casa bonita. Mas sabia que o fato de nunca ter entrado ali não era culpa minha, mas da casa. É como se ela nunca me tivesse chamado com a ênfase devida. Afinal, conheci o Museu em 2004. Desconfio que a sedução transpirou de dentro. Em 2005, fui jurado do Prêmio de Design. Durante esses dias no Museu, pude conhecer sua mecânica séria e bem cuidada de funcionamento. A casa é viva, com mostras bem montadas e eventos diversificados o tempo todo. Juntar no mesmo programa um concerto, uma visita às exposições e um almoço entre amigos é um privilégio cosmopolita que não se dispensa. Durante o resto do tempo em que estou em Minas, onde moro, o Museu da Casa Brasileira vem ao meu encontro, através das notícias, dos catálogos, enfim, de tudo que dele irradia, como pólo fundamental da arte e do design no Brasil hoje.

José Alberto Nemer, de Cultura da Prefeitura de Belo Horizonte e do Museu de Arte da Pampulha

Para Otto [Lara Rezende], de tanto olhar, o homem já não vê. No tumulto habitual da cidade de São Paulo, este é o agouro que mais parece vingar entre a pressa e a ansiedade de seus milhões de habitantes. Neste frenesi, em plena avenida Brigadeiro Faria Lima, região onde mais se concentra o business de cada dia, há um espaço peculiar, um convite a todos para o exercício do olhar atento, de reverência ao cotidiano. Trata-se do Museu da Casa Brasileira. O diferencial deste museu está em sua especialidade - o que, aliás, o torna único no país: o design e a arquitetura. Mostrar objetos do dia-a-dia - como uma simples cadeira - ou discutir as complexas questões sobre a arquitetura contemporânea estão entre suas linhas de atuação. Seu propósito é desvelar, por trás da função e da utilidade, o intrincado universo artístico e cultural das relações sociais e privadas da vida diária. Ali, de tanto ver, o visitante pode refazer o olhar.

Alessandra Simões, jornalista, em texto na Revista da Tam, 2005

O MCB renasceu das cinzas, numa gestão dinâmica e inteligente.

Silvana Salerno, editora, 2006

A estrutura do museu merece ser parabenizada em todos os aspectos, em destaque: receptividade e atenção por parte dos funcionários; o acervo, bem como sua disposição e organização facilitam a compreensão.

César Augusto Eugenin, professor da Universidade de Taubaté, 2006

Vim com umas amigas de faculdade para uma visita técnica. O local superou as nossas expectativas; é muito agradável e muito bem conservado.

Adriana Carobas, estagiária da SP Turismo, 2006

Há apenas poucos anos a maioria dos paulistanos que passava em frente ao Solar Fábio Prado desconhecia que ali está instalado, desde 1972, o Museu da Casa Brasileira. Hoje ele promove exposições memoráveis, a exemplo de "Design popular da Bahia" e "Santos Dumont-designer". Há apenas poucos anos o MCB promovia em seu hall domingueiras com música erudita, para um público que ocupava as suas cerca de 50 cadeiras. Era muito bom, mas era... pouco. Bem, hoje os muitos lugares espalhados pelo pátio jardim são objeto de disputa nas manhãs dos domingos. Quando a programação entra em recesso, o paulistano sente falta. O crescimento do público, aliás, é a prova de que o MCB hoje faz parte da vida cultural da cidade. A função dos museus é esta: chamar para si a população, formando-a culturalmente, pois um museu vazio é apenas um museu.

Helena Sampaio e Claudia Cavalcanti, Artesanato Solidário/ArteSol

Frustrações

Cremos que os últimos quatro anos foram de avanço para o Museu da Casa Brasileira. Muito trabalho foi feito para tornar o MCB uma instituição atuante, relevante, respeitada e digna. Proporcionalmente, contudo, muito mais ainda resta a fazer. Por áreas, estas são algumas de nossas frustrações, que se transformam em desafios:

Acervo

A abrangência, foco e composição do acervo deveriam ser objeto de um trabalho de fôlego de um grupo curador, que ficaria encarregado também de verificar, entre as peças doadas pela direção anterior a outras instituições, quais deveriam voltar para o MCB. Para que essa volta ocorra, contudo, é preciso resolver antes a questão da falta de espaço tanto para a exposição quanto para armazenamento de peças tridimensionais. As doações que obtivemos no período não foram suficientes para preencher as lacunas principais de nosso acervo tridimensional. Uma campanha de doação de peças, que seriam previamente escolhidas pelo grupo curador, se faz necessária. O acervo bidimensional tem muito o que crescer. O inventário da fotografia da casa brasileira permite diversos desdobramentos e a implantação de um acervo de desenhos de arquitetura poderia ser estudada.

Exposições

Nesses últimos quatro anos as exposições de design foram em maior número do que as de arquitetura, o que pode ser atribuído ao fato de que a rede de relacionamentos anterior da diretoria era bem mais expressiva na área de design, facilitando os contatos e a produção dessas mostras. Um neces-

sário equilíbrio entre as duas áreas foi tentado sem sucesso. Outro desafio relativo às mostras é aumentar a qualidade tanto de concepção quanto de sua montagem. Isso, exige, contudo, ao menos triplicar a captação de recursos para esse item de atividades.

Prêmio

Quando o Prêmio Design surgiu, em 1986, ele era praticamente o único. Ao longo dos últimos 20 anos, outras premiações surgiram, em várias instâncias.

O Prêmio Design MCB permanece o mais reconhecido e o mais valorizado; no entanto, após duas décadas, uma comissão com participação plural poderia estudar se eventualmente é necessário algum redirecionamento do Prêmio MCB. Sua longevidade, seriedade e grande penetração na mídia poderiam ser ainda mais valorizados.

Educação

A necessária expansão dessa área exige uma solução prévia da questão da falta de espaço para instalações adequadas à realização de oficinas e de cursos com os visitantes. É importante diminuir mais ainda o uso do terraço para eventos visando angariar fundos para o Museu, de tal forma que aumente seu uso para atividades culturais.

Comunicação

Na área de comunicação, grandes foram os esforços feitos e os resultados obtidos; no entanto, parece um grão de areia no mar frente ao número de pessoas que ainda desconhece a existência do MCB, sua programação e o fato de que este é um museu público, pertencente à rede de museus do Estado.

Recursos

O trabalho de maior organização interna ainda tem muito o que evoluir. São necessários cursos de capacitação para os funcionários, em diferentes níveis – tanto cursos de qualidade de atendimento para aqueles que têm interação direta com o público, quanto cursos básicos como informática e técnicos extremamente necessários como museologia. Para fazer frente à sua programação ideal, o MCB deveria ter cerca de 35 funcionários, cujo custeio fosse feito pelo Estado, portanto sem risco de serem dispensados com as oscilações dos patrocínios da iniciativa privada. A receita total do Museu ainda precisa aumentar significativamente em busca de uma melhor qualidade de programação. Os custos fixos de funcionários, de operação e de manutenção deveriam ser todos de responsabilidade do Estado, pois a receita de patrocínios, embora venha crescendo substancialmente, não financia custo fixo.

Instalações

A atual gestão buscou, sem êxito até o momento, recursos para implantar um sistema eficaz de segurança no edifício, abrangendo circuito fechado de televisão, sistema de alarmes com sensores de presença, sistema de detecção de fumaça; reforma do sistema de pára-raios, hidrantes e extintores, etc. Esse é um ponto nevrálgico e preocupante.

No cenário de falta de espaço para as exposições e para a convivência, chama a atenção o uso do enorme pátio como um local apenas de estacionamento. Projeto cedido pela arquiteta Diana Malzoni prevê o acesso de carros apenas à área externa

do Museu, com o deslocamento dos veículos por manobristas diretamente para um estacionamento próximo. Dessa forma, seria possível reservar-se o pátio para a convivência das pessoas e para mostrar ao ar livre. Não houve recursos para a obra.

Diretorias anteriores pensaram em projetos de longo prazo para resolver o problema da falta de espaço no MCB. Na gestão Carlos Bratke, a idéia era conceber um pavilhão moderno nos fundos do jardim com auditório, área para oficinas, exposições, reserva técnica, café, loja, e eventualmente estacionamento no subsolo. Na gestão Marlene Acayaba, a AAMCB encomendou um projeto ao arquiteto Marcelo Suzuki para o aproveitamento do sótão do Museu de maneira a propiciar a instalação de um auditório e sala de funcionários. Nessa gestão pouco se avançou nesse aspecto, apesar da convicção de que essas possibilidades de ampliações deveriam ser discutidas e se possível implementadas.

Várias ações foram empreendidas desde 2004 visando a remoção do ponto de ônibus da área defronte ao Museu, pois se verifica que o fluxo de veículos para o MCB prejudica e ameaça os pedestres que ficam esperando o ônibus, e, por outro lado, o grande acúmulo de gente e de camelôs também dificulta o acesso da população a este equipamento cultural público. Essa foi outra frustração não resolvida.

Adélia Borges

Equipe

Como funcionários da Secretaria de Estado da Cultura ou da Associação de Amigos do MCB, prestadores de serviço fixos ou eventuais, ou ainda como estagiários, várias pessoas colaboraram diretamente com o MCB neste período. São elas:

Adélia Borges
Alexandra Silveira
Alexandre Penedo
Amana Salles
Ana Cecília Arruda
Ana Maria Cintra
Antonio Almeida
Carmelita Rodrigues de Moraes
Carolina Mestriner
Caroline Franco
Cássia Andrade
Cecília Machado
Claudia Mattei
Cristiano Rojas
Daniela de Lima
Diana Laurence Hue
Dora Corrêa
Eliane Guglielme
Eloi Santarozza
Fabiana Cavalcante Lopes
Fabiana Mitsui
Fábio Prado Saldanha
Fábio Tamizari
Fernanda Grisolia
Fernanda Romero
Flora Dias Chaves
Gabriel Borges
Giancarlo Latorraca
Gisele Dias Rodrigues
Glória Bayeux
Henrique Murgel
Ina Hergert
Isabel Abreu
Jalba M. Paiva Jr
Janaina Pinho
Jessé Ribeiro
José Almir de Souza
Juliana Batista
Julieta Pereira
Larissa Foronda
Letânia Menezes
Lia Martins
Luiz A. Pereira Mattos
Manuel Souza
Márcia Galliani
Marco Venancio
Maria Teresa Angelo
Mariana Bonfanti

Mariana Chama
Milton Augustinho
Milton Stecca
Miriam Lerner
Moisés Cuer
Myrthes Barbour
Neide D'Ávila
Olismar R. da Silva
Omar Haddad
Oscar Nascimento
Paula Molina
Paulo Sabino
Pedro Navarro
Rebecca Enke
Renata Simões
Rogério Ianelli
Ruy Rubio Rocha
Sérgio Pereira
Sibele Rodrigues
Silvia Aiex Jorge
Sônia M. Scatimburgo
Stella Fava
Telma Carvalho
Tháís Marquez
Tiago Saraiva
Vanelli Doratioto Damo
Wanislei M de Araújo
Wendel Andrade
Wilton Guerra

Conselho Diretor/ Comitê de Orientação Cultural

Adélia Borges
Adriana Crespi
Carlos Guilherme Mota até set. 2003
Carlos Lemos desde mar. 2004
Cecília R. dos Santos até nov. 2006
Delia Beru
Fabio Magalhães até mar. 2005
Gianfranco Vannucchi
José Mindlin
Julio Abe Wakahara
Neide Hahn
Oswaldo Mellone
Ulpiano B. de Meneses desde set. 2005

Associação de Amigos 2003-2005

Diana Malzoni
Diretora-Presidente
Márcio Mazza
Rogério Batagliesi
Mária Cecília Gorski
Eduardo Poccard
Roberto Loeb
Antonio C. Sant'Anna Jr.
Diretores

Pedro Cury
Presidente do Conselho

2005-2007 Conselho de Administração

Diana Malzoni
presidente até nov. 2006
Ana Helena Curti
presidente desde nov. 2006
Délia Beru
Gisele Paixão
Helga Mietke
Luiz Fisberg
Marcelo Ferraz
Neide S. Hahn
Rogério Batagliesi
Wilton Guerra

Associados

Antonio C. Sant'Anna Jr.
Antonio Maschio
Auresnede Pires Stephan
Bruno R. Padovano
Carla Elage
Cláudio Ferlauto
Edson Jorge Elito
Eduardo Poccard
Enzo Grinover
Felipe Crescenti
Gianfranco Vannucchi
Giordano Dominici
Giuseppe Viscomi
José Eduardo B. Tibiriça
Júlio Moreno
Lala Deheinzelin
Leo Seincman
Marcel Marmor
Marcelo Magalhães
Márcio Mazza
Mária Cecília Gorski
Mária Helena Estrada
Mário Sergio Pini
Milli Teperman
Miriam Lerner
Modesto Carvalhosa
Nelson Acar Filho
Nina Horta
Pedro Cury
Pedro Taddei Neto
Petco G. Gueorguiev
Renata Mellão
Ricardo Ohtake
Roberto Loeb
Samuel Mac Dowell de Figueiredo
Sylvia Loeb
Tito Livio Frascino

Doadores de peças para o acervo

British Council de S. Paulo
Claudia Moreira Salles

Desmobilia
Dpot
Hugo França
Janete Costa
João Pedrosa
Marcenaria Baraúna
Maria do Carmo Queiroz
Michel Arnoult
Objekto – Futon
Company
Lin Brasil

Cenografia

Álvaro Razuk
Anderson Freitas
André Vainer
Bartira Ghoubar
Diana Malzoni
Francisco Fanucchi
Giancarlo Latorraca
Haron Cohen
Isay Weinfeld
Janete Costa
Marcelo Ferraz
Marcio Kogan
Marcos Albertim
Marlon
Pedro Armando de Barros
Pedro Mendes da Rocha
Renato Salgado/ Zol
Ronaldo Barbosa
Ruy Rubio Rocha

Curadoria

Agnaldo Farias
Akiko Oyafuso
Alice Rawsthorn - Grã Bretanha
Álvaro Razuk
Carlos Lemos
Cecília Consolo
Cláudia Cavalcanti
Cristiana Barreto
Dudu Bertholini
Emily Campbell - Grã Bretanha
Giorgio Forni
Glória Bayeux
Guilherme M. Dourado
Guto Lacaz
Helena Sampaio
Isabel Gouvêa
Jens Olsen
Jô Vasconcelos
Lúcio Gomes Machado
Mara Gama
Mária Ruth A. de Sampaio
Maureen Bisilliat
Poliana de Melo Leite
Roberto Selmer Júnior
Ronaldo Barbosa
Rosa Artigas

Ruth Klotzel
Sander Woertman - Holanda
Sérgio Pizoli
Tsugiko Taira - Japão
Ulpiano B. de Meneses

Júri do Prêmio Design

Ademir Bueno
Alécio Rossi
Alexandre Wollner
Auresnede Stephan - Eddy
Baba Vacaro
Cecília R. dos Santos
Chico Homem de Mello
Claudio Ferlauto
Claudio Rocha
Cynthia Malaguti
Delia Beru
Eduardo Barroso
Elda Muller
Eliane Stephan
Fernanda Martins
Fernando Prado
Freddy Van Camp
Gerson de Oliveira
Giorgio Giorgi
Gunter Parschalk
Haron Cohen
Helga Miethke
Jacqueline Terpins
José Alberto Nemer
Kiko Farkas
Mara Gama
Marcelo Ferraz
Mária Helena Estrada
Marisa Ota
Maureen Bisilliat
Mervyn Kurlansky - Dinamarca
Milton Cipis
Nelson Ivan Petzold
Newton Gama
Patrícia Fonseca
Pedro Ariel
Pedro Mendes da Rocha
Priscila Farias
Rico Lins
Robert L. Peters - Canadá
Rogério Batagliesi
Ruth Klotzel
Sergio Rodrigues
Túlio Mariante
Vicente Wissenbach
Virginia Kistmann

Palestrantes e professores

Agnaldo Farias
Alexandre Penedo
Alexandre Wollner
Aline Coelho

Alvaro Abreu	Maria Auxiliadora Guzzo	British Council	Apoio
Ana Verônica Mautner	Maria Christina Rizzi	Casa de Cultura do Sertão	Albino Advogados Ana
André Stolarski	Maria Helena Aschenbach	Casa do Baile da Prefeitura	Cecília de A. Campo
Andrés Otero	Maria Lúcia Pinheiro	de Belo Horizonte	Ana Elisabeth Barbosa
Angélica Santi	Maria Ruth A. de Sampaio	Central ArteSol	Antonio Malícia Filho
Antônio Carlos Sant	Marília Scalzo	Centro de Estudos	Buffet Arroz de Festa
Anna Jr	Marina Chacur	Musicais Tom Jobim	Buffet Garni
Arthur Casas	Marine Peyre - França	Conservatório Dramático	Busca Vida
Arthur Fontes	Mário Camargo Ferreira	Musical Dr. Carlos de	Brennor Agribusiness
Aurélio Volpe - Itália	Marta Bogea	Campos de Tatui	Café Vitale
Beth Gonçalves	Martin Corullon	Consulado da Holanda	Camargo Corrêa – Cauê
Carlos Lemos	Mathias Bengtsson	Cultura Inglesa	Cimentos
Carlos Soulié do Amaral	- Inglaterra	Esporte Clube Pinheiros	Carpex Empreendimentos
Carlos Zeron	Mauro Claro	Folha de São Paulo	CNA
Chico Homem de Mello	Mônica Barth	Fundação Crespi-Prado	Antônio Alves de Carvalho
Christophe Bailleux	Monica Förster - Suécia	Fundação Japão	Rubem Pereira de Ávila
- França	Mônica Stefanelli	Fundação Vilanova Artigas	Desttac
Claudia Costin	Nabil Bonduki	Igreja da Paz (Coral)	Drywall
Cláudia Dayé	Nadia Somekh	Instituto Cultural Vitta	Eduardo Dias Lerne
Claudia Moreira Salles	Nelson Dupré	Instituto Pão de Açúcar	Elo3
Claudio Rocha	Paula Dib	de Desenvolvimento	Elza Niero
Cristiano Mascaro	Paulo Mendes da Rocha	Humano	Embraer
Daniel Brown - Inglaterra	Paulo Sophia	Istituto Italiano di Cultura	Fine Papers
Denise Sant'Anna	Paulo Von Poser	Jornal da Tarde	Forma
Dorrit Harazim	Pedro Mendes da Rocha	Museu de Arqueologia e	Formatex
Eero Koivisto - Suécia	Pedro Paulo de Melo	Etnologia da USP	Fórmica
Eloise Torres Amado	Saraiva	Museu de Prataria	Fritz Döbber
Ericson Straub	Rafael Cardoso	Contemporânea, Pavia,	Gianfranco Vannucchi
Família Braz	Regina Meyer	Itália	Global Comercial Vinhos
Fernando de Mello	Renato Imbroisi	Museu Haebaru Town,	Gráfica Rush
Franco	Ricardo Gomes - EUA	Okinawa, Japão	Grupo Votorantim
Gal Oppido	Rico Lins	Museu Paraense Emílio	Guanabara Discos
Giceli Portela	Roberto Loeb	Goeldi	Holcim
Giorgio Giorgi Jr	Robin Edman - Suécia	Musicalis - Núcleo de	Hunter Douglas
Günter Parschalk	Rodrigo Rodriguez - Itália	Música	Ita Construtora
Haifa Y. Sabbag	Rogério Batagliesi	O Estado de São Paulo	Jaime Cupertino
Hans Gunter Flieg	Rubén Pesci - Argentina	Plataforma Brasil-Holanda	João Figueira de Mello
Henrique Carneiro	Ruth Verde Zein	Projeto Guri	Jokerman
Henrique Lins de Barros	Sam Buxton - Inglaterra	PUC-SP (Coral)	L' Atelier
Hugo Curti	Sander Woertman	Revista Piauí	La Fête
Irã Dudeque	- Holanda	Revista Projeto Design	Lua Music
Jacqueline Terpins	Sandra Vasconcelos	Sebrae Espírito Santo	Marcio Mazza
Jean Marcel C. França	Sebastian Wierinck	Secretaria de Cultura	Melhoramento Papéis
João Bezerra de Menezes	- França	do ES	Musicalis
João de Mello	Sérgio Calatroni - Itália	SOSACI	Nelson Acar
João Pedrosa	Sergio Fingeremann	Straat	Oliveiro Ferreira
José Carlos Barreiro	Sergio Rodrigues	Theatro Municipal de São	Papaiz
José Carlos de Lima Bueno	Silvia Sassaoka	Paulo	Partners of America
José Magalhães Jr.	Silvio Oksman	UNI FIAM/FAAM	Pernod Ricard
José Paulo de Bem	Tide Hellmeister	Unifesp	Rádio Eldorado
José Tabacow	Tito Lívio Frascino	Universidade de Delft,	Rogério Batagliesi
Júlio Artigas	Tor Bonnier - Suécia	Holanda	RS Marketing
Kai Piippo - Finlândia	Tord Boontje - Inglaterra	Patrocinadores	Santher
Kiko Farkas	Tsugiko Taira - Japão	Aços Villares	Steelcase
Leila Mezan Algranti	Ulpiano B. de Menezes	Banco Itaú BBA	Stiefel
Leonardo Massarelli	Valentina Figuerola	Fundação Vitae	Tok&Stok
LN Boul - França	Vera Barros	Leo Burnett Publicidade	Viña Morandé
Marcelo Drummond	Verônica Jamkojian	Petrobras	
Marcelo Suzuki	Yves Moyen - Suécia	Sabesp	
Marcelo Tramontano	Parcerias institucionais	Senac	
Marcio Mazza	Associação Nacional de	Usiminas	
Marco Ferreri - Itália	Paisagistas (ANP)		

Governo do Estado de São Paulo

Geraldo Alckmin
janeiro 2003 a abril 2006
Cláudio Lembo
abril a dezembro 2006
José Serra
desde janeiro 2007

Secretaria de Estado da Cultura

Cláudia Costin
janeiro 2003 a maio 2005
João Batista de Andrade
maio 2005 a dezembro 2006
João Sayad
desde janeiro 2007

Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico

Coordenadores:
Marilda Suyama Tegg
janeiro a outubro 2003
Sílvia Antibas
desde outubro de 2003

Ficha Técnica

Coordenação

Adélia Borges

Pesquisa

Carolina Mestriner

Redação e edição de textos

Adélia Borges

Flávio de Carvalho Serpa

Letânia Menezes

Assistência de produção

Fernanda Orisolina

Projeto gráfico

Ruth Klotzel / Estúdio Infinito

Assistente

Larissa Ribeiro

Produção gráfica

Rogério Nicolau/Ruth Klotzel

Fotografias

Alexandre Penedo: pág 35

Andres Ottero: pág 23

Arquivo MCB: págs 7, 8, 9, 10, 11, 17,

19, 21, 23 (carro), 28, 29

Gal Opido: pág 23 expo

Isabel Gouveia: pág 14

Mariana Chama: págs, 05, 15, 16, 18, 20,

24, 26, 30, 31, 32, 33, 37, capa, pág sumário

(arte sobre detalhe)

Impresso em abril de 2007 na Ipsis Gráfica e Editora, em papel Reciclado 90 g/m²; capa em Kraft Natural 200 g/m²

Breve história do MCB

O Museu da Casa Brasileira (MCB) é uma instituição pública pertencente à rede de 16 museus estaduais. Criado em 1970, com o nome de Museu do Mobiliário Artístico e Histórico Brasileiro, e em 1971, tem seu nome mudado para Museu da Casa Brasileira. Em 1972, passa a ocupar o casarão na então pacata rua Iguatemi, hoje avenida Faria Lima, construído na década de 40 como residência do ex-prefeito de São Paulo, Fábio da Silva Prado e sua esposa Renata Crespi da Silva Prado. O prédio fora doado em 1968 por Renata para a Fundação Padre Anchieta, que por sua vez o cedeu em comodato para a Secretaria de Estado da Cultura até 2020.

Diretores:

1970 a 1979 – Ernani da Silva Bruno

1979 a 1985 – Myriam Ellis

1985 a 1988 – Roberto Duailibi

1988 a 1989 – Maria de Lourdes Janotti

1989 a 1991 – João Marino

1991 a 1992 – Cláudia Vada

1992 a 1995 – Carlos Bratke

1995 a 2002 – Marlene Acayaba

2003 - atual – Adélia Borges

Museu da Casa Brasileira

Av. Faria Lima, 2705 Jardim Paulistano

01451-000 São Paulo - SP

Tel. 11 3032 3727

Visitação

de terça a domingo, das 10h às 18h

Ingresso

R\$ 4,00

Estudantes - R\$ 2,00

Domíngo - gratuito

Visitas monitoradas

Tel. 11 3032 2564

www.mcb.sp.gov.br

**Acesso a portadores
de deficiência física**

